

RESUMO

As alterações estruturais ocorridas no sistema financeiro português, após a adesão do nosso país à Comunidade Económica Europeia, vieram a limitar o potencial de crescimento das instituições financeiras por via orgânica e acentuar a sua vulnerabilidade estratégica e competitiva, perante processos de concentração noutros países europeus. A concentração bancária foi uma reacção natural do mercado ao fenómeno da globalização dos mercados financeiros, originada pela liberdade de circulação de capitais e conjugada com a desintermediação dos mercados financeiros e sua desregulamentação.

Esta dissertação propõe-se analisar o grau de concentração bancária em Portugal na década de 90 e os efeitos da concentração no desempenho dos grupos financeiros. Estes processos de fusões e aquisições da era da liberalização financeira iniciaram-se com as reprivatizações 1989, de modo que mais de 15 anos depois é altura de analisar o desempenho económico dos principais grupos financeiros portugueses criados após as concentrações ocorridas.

ABSTRACT

The structural transformations in the Portuguese financial system, after the adhesion of our country to the European Economic Community, had come to limit the potential of growth of the financial institutions for organic way and to accent its strategic and competitive vulnerability, in front processes of concentration in other european countries. The banking concentration was a natural reaction of the market to the globalization of the financial markets, started for the freedom of circulation of capitals and conjugated with the desintermediation of the financial markets and its deregulation.

This work is a proposal to analyze the degree of banking concentration in Portugal in the decade of the 90 and the effects of the concentration in the performance of the financial groups. These processes of merger and acquisitions of the age of the financial liberalization had been initiated with privatizations of 1989, and so more than 15 years later is the time to analyze the economic performance of the main portuguese financial groups created after occurred concentrations.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que colaboraram na elaboração deste trabalho, em especial ao Professor Doutor Jacinto Vidigal da Silva que, com os seus ensinamentos e orientação, deu um contributo importante para esta dissertação, demonstrando sempre disponibilidade, amizade, saber e competência.

Agradeço também à Professora Doutora Natércia Mira a sua disponibilidade e empenho para fazer correcções e críticas sempre pertinentes que contribuíram para melhorar este trabalho.

Manifesto-me igualmente grato aos profissionais do Banco de Portugal e da Caixa Geral de Depósitos, nomeadamente ao Dr. Baltazar Lopes, pelo seu apoio e encorajamento e por me ter facultado a consulta de documentos, livros e artigos de revistas especializadas, sem os quais a elaboração deste trabalho não teria sido possível.

SIGLAS

F&A – Fusões e Aquisições	TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
BFE – Banco de Fomento e Exterior	BCP – Banco Comercial Português
UBP – União de Bancos Portugueses	BPI – Banco Português de Investimento
BTA – Banco Totta & Açores	BANIF – Banco Internacional do Funchal
CPP – Crédito Predial Português	BPSM – Banco Pinto & Sotto Mayor
BCM – Banco Comercial de Macau	BPA – Banco Português do Atlântico
BES – Banco Espírito Santo	BBI – Banco Borges & Irmão
BBV – Banco Bilbao Vizcaya	BBVA – Banco Bilbao Vizcaya Argentaria
GBTA – Grupo Banco Totta & Açores	GBPA – Grupo Banco Português do Atlântico
GBES – Grupo Banco Espírito Santo	GCGD – Grupo Caixa Geral de Depósitos
GTOTTA – Grupo Banco Totta	GBFE – Grupo Banco de Fomento e Exterior
BNU – Banco Nacional Ultramarino	GBCP – Grupo Banco Comercial Português
CGD – Caixa Geral de Depósitos	GBPSM – Grupo Banco Pinto & Sottomayor
UE – União Europeia	GBPI – Grupo Banco Português de Investimento
CEE – Comunidade Económica Europeia	
CUF – Companhia União Fabril	APB – Associação Portuguesa de Bancos
RU – Reino Unido	EUA – Estados Unidos da América
UK – United Kingdom	USA – United States of America
ATM – Automatic Teller Machine	CMCA – Custo Médio dos Capitais Alheios
ROE – Return on Equity	RFC – Receitas Financeiras Correntes
ROA – Return on Assets	PME's – Pequenas e Médias Empresas
IRC – Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Colectivas	
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico	
EFTA – Associação Europeia do Comércio Livre	
SFAC – Sociedades Financeiras de Aquisição a Crédito	
SGFI – Sociedades Gestoras de Fundos de Investimento	

RESUMO / ABSTRACT	i
AGRADECIMENTOS	ii
SIGLAS	iii
ÍNDICE GERAL	iv
ÍNDICE DE QUADROS	vi
ÍNDICE DE GRÁFICOS	vii
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	1
1.1 DISCUSSÃO DA PROBLEMÁTICA EM ESTUDO	1
1.2 OBJECTIVOS E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO	4
1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	5
CAPÍTULO 2. A EVOLUÇÃO DO SECTOR BANCÁRIO EM PORTUGAL	6
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO SECTOR BANCÁRIO PORTUGUÊS	6
2.1.1 O período anterior ao 25 de Abril de 1974	7
2.1.2 O período de 1974 a 1979	8
2.1.3 A década de 80	9
2.1.4 A década de 90	12
2.2 AS FUSÕES E AQUISIÇÕES NA BANCA	14
2.2.1 Tipos de concentrações	15
2.2.2. A concentração bancária	18
2.2.3 As vagas de concentração bancária em Portugal na década de 90	22
2.2.4 Dados do Banco de Portugal sobre a concentração bancária	26
CAPÍTULO 3. REVISÃO DA LITERATURA	29
3.1 ANÁLISE DAS CAUSAS DA CONCENTRAÇÃO	29
3.1.1 A Concorrência	40
3.1.2 A Desregulamentação	47

3.1.3 A concentração bancária na Europa e no mundo	52
3.2. OS EFEITOS DA CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA	61
3.2.1 A eficiência das instituições financeiras	63
3.2.2 As implicações das F&A no emprego	80
3.2.3 As implicações fiscais	84
3.2.4 As implicações financeiras	85
CAPÍTULO 4. METODOLOGIA	87
4.1 INTRODUÇÃO	87
4.2 UNIVERSO E AMOSTRA DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS	88
4.3 VARIÁVEIS E INDICADORES UTILIZADOS	89
4.4 MEDIDAS ESTATÍSTICAS DE CONCENTRAÇÃO	90
4.4.1 O índice de Herfindahl – Hirschman (HH)	92
4.4.2 O índice discreto de concentração (R_m)	95
4.4.3 O índice de Hall-Tideman (HT)	96
4.4.4 O coeficiente de entropia (E) e o índice C_e	96
CAPÍTULO 5. ANÁLISE EMPÍRICA	98
5.1 AVALIAÇÃO DA CONCENTRAÇÃO BANCÁRIA NA DÉCADA DE 90	98
5.1.1 Análise do grau de concentração	100
5.2 INDICADORES DA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS PRINCIPAIS GRUPOS FINANCEIROS NO PERÍODO 1992-03	108
5.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	144
6. CONCLUSÕES	145
7. BIBLIOGRAFIA	148

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Acções (em %) dos bancos públicos detidas pelo sector privado entre 1990 e 1997	25
Quadro 2. Somatório das quotas dos cinco maiores grupos financeiros em 1994 e 1996	26
Quadro 3. Quotas de mercado dos bancos estrangeiros implantados em Portugal (1994 e 1996)	27
Quadro 4. A concentração bancária em Portugal	27
Quadro 5. A evolução da concentração agregada do sector bancário português	28
Quadro 6. Nº de centros económicos de decisão no sistema bancário de 1987 a 2003	28
Quadro 7. As maiores fusões em 1994-95	55
Quadro 8. As maiores fusões no Top 200	55
Quadro 9. Distribuição mundial dos activos bancários e do nº de bancos	56
Quadro 10. Concentração do sector bancário mundial	58
Quadro 11. Distribuição dos activos e nº de bancos por países da U.E.	58
Quadro 12. Percentagem de activos dos 5 maiores bancos de cada país europeu	59
Quadro 13. Os maiores bancos mundiais em 2000	60
Quadro 14. Índice de Herfindhal-Hirshman (HH)	102
Quadro 15. Índice Discreto de Concentração (R5)	102
Quadro 16. Índice Discreto de Concentração (R10)	102
Quadro 17. R10-R5	102
Quadro 18. Índice Hall – Tideman (HT)	103
Quadro 19. Grau de Concentração (Ce)	103
Quadro 20. Taxas de crescimento médio anual dos índices de concentração 1987/99	105
Quadro 21. Variações % globais dos índices de concentração entre 1987 e 1999	106
Quadro 22. Diferenças entre os índices de concentração de 1999 e 1987	107
Quadro 23. Crédito / Activo	109
Quadro 24. Depósitos / Activo	110
Quadro 25. Títulos / Activo	111
Quadro 26. Créditos / Depósitos	112
Quadro 27. Crédito / Títulos	113
Quadro 28. Depósitos / Trabalhadores	114
Quadro 29. Trabalhadores / Nº de Balcões	116
Quadro 30. Activo / Nº de Balcões	117
Quadro 31. RFC / Activo	118
Quadro 32. RFC / Nº de Trabalhadores	119
Quadro 33. Activo / Trabalhadores	121
Quadro 34. Taxas de variação do activo	123
Quadro 35. Taxas de variação dos depósitos	124
Quadro 36. Taxas de variação do nº de balcões	125

Quadro 37. Taxas de variação dos títulos	127
Quadro 38. Taxas de variação do nº de trabalhadores	128
Quadro 39. Taxas de variação do crédito	130
Quadro 40. Taxas de variação das RFC	131
Quadro 41. Comparação dos rácios (e variáveis) médios do sector e dos grupos financeiros entre 1992 e 2003	132
Quadro 42. Factores multiplicadores dos indicadores dos grupos financeiros de 1992/03	133
Quadro 47. Ranking do desempenho dos grupos financeiros 1992/03	133
Quadro 44. Indicadores dos grupos financeiros em 2003	135
Quadro 45. Incremento dos indicadores de estrutura, eficiência e produtividade	136
Quadro 46. Incremento dos indicadores de 2000 a 2003	137
Quadro 47. Ranking do desempenho dos grupos financeiros 2000/03	137
Quadro 48. Taxas de variação médias anuais dos indicadores financeiros do sector e dos principais grupos financeiros no período 1992-2003	139

GRÁFICOS

Gráfico 1. Concentração dos 5 maiores bancos	59
Gráfico 2. O fim de um ciclo de F&A bancárias?	60

Os resultados apontam para um aumento da concentração entre 1987 e 1999 para todas as variáveis e com base em qualquer dos indicadores habitualmente usados. No entanto, atendendo à proximidade destas concentrações os resultados poderão não permitir tirar conclusões definitivas quanto ao êxito ou fracasso destas operações para as instituições envolvidas e para o sector financeiro.

Apesar do crescimento geral do nível de concentração bancária neste período, verificam-se algumas oscilações pontuais com avanços e recuos em determinados anos. Os valores de concentração mais elevados são atingidos pela maioria dos índices em 1999 (e nalguns casos em 1995 e 1996), no que se refere ao Activo e Créditos sobre Clientes, com excepção do índice Ce, que aponta para um grau de concentração máximo em 1990 (quadro 19).

Nos três primeiros anos do 2º milénio a concentração bancária tende a reduzir-se ligeiramente. A maioria dos índices de concentração sofre uma redução neste período em virtude de os pequenos e médios bancos terem conseguido incrementar a sua quota de mercado, embora numa reduzida percentagem. Este facto deve-se a uma maior especialização dos pequenos bancos em nichos de mercado específicos o que lhes permite enfrentar os grandes conglomerados financeiros.

A concentração no que respeita aos Recursos Captados também é globalmente crescente para todos os índices de concentração calculados, sendo os anos de 1995 e 1996 os que apresentam índices mais elevados, com excepção dos índices Ce e R₁₀, em que o índice de 1990 supera todos os outros (ver quadros 16 e 19).

A tendência evolutiva dos índices HH e HT neste período é bastante similar, embora os valores apresentados sejam diferentes (ver quadros 15 e 18).

O índice R₅₋₁₀ atinge o nível mais baixo em 1996 nas três variáveis em análise (ver quadro 17), o que traduz uma acentuada quebra na competitividade dos pequenos bancos que no período de 1994 a 1996 baixaram entre 12 e 16 pontos percentuais neste indicador. Aliás, 1995 é o ano em que se regista a maior descida neste indicador (decréscimo entre 64 % e 144% nas três variáveis em análise), prosseguindo a tendência decrescente no ano seguinte.

O índice R₅ (ver quadro 15) aponta para uma concentração bancária muito elevada, ultrapassando os 60% em 1987, atingindo os 70% em 1992 e superando o patamar dos 80% em 1995. Em 1999 este índice atinge cerca de 85% para o Activo e o Crédito sobre Clientes, bem como 83% para os Recursos Captados.

Os anos em que se registam decréscimos pontuais em todas as variáveis analisadas no índice R₅ são 1988, 1991 e 1997, para além do ano de 1990 em que se regista um ligeiro retrocesso na concentração referente ao Activo e aos Créditos sobre Clientes (ver quadro 15).

O índice R₁₀, em que se consideram os dez maiores bancos e grupos financeiros, aponta para graus de concentração já muito elevados em 1987, entre os 88 e 93% consoante as variáveis, estabilizando em 1999 à volta dos 94% para as três variáveis em análise (ver quadro 16). As grandes oscilações deste índice, neste período, reflectem a concorrência extremamente agressiva entre os vários grupos financeiros e os pequenos bancos, a nível da captação de depósitos e de crédito, principalmente no crédito à habitação.

Na generalidade dos índices, a concentração é mais elevada a nível da variável Recursos Captados, aproximando-se os índices de concentração do Activo aos do Crédito sobre Clientes. No entanto, as taxas de crescimento médio anual neste período são mais elevadas nestas duas últimas variáveis (ver quadro 20).

Quadro 20 – Taxas de crescimento médio anual dos índices de concentração em 1987/99

Índices	Activo	Crédito s/ Clientes	Recursos Captados
HH	3,26%	2,16%	2,48%
R ₅	2,85%	2,97%	2,27%
R ₁₀	6,02%	7,24%	3,12%
R ₅₋₁₀	-5,95%	-5,94%	-2,60%
HT	3,56%	4,19%	2,44%
Ce	6,54%	5,45%	5,14%

Elaborado pelo próprio

Os índices de concentração que apresentam maiores acréscimos médios na década de 90, de acordo com o quadro anterior, são o R₁₀ e o Ce. No que respeita aos Recursos Captados, os índices HH, R₅ e HT registam taxas de crescimento médio anual muito próximas (entre 2,27% e 2,48%). Em relação ao Activo e Crédito sobre Clientes, verifica-se uma maior disparidade nas

taxas médias de crescimento anual destes índices entre 2,85% e 3,58% e entre 2,16% e 4,19% no Crédito sobre Clientes.

Relativamente ao Activo e Recursos Captados, é o Ce que apresenta taxas mais altas de crescimento médio anual (6,54% e 5,14%, respectivamente), logo seguido do R10 com 5,99% e 3,13%, respectivamente; em relação aos Créditos sobre Clientes e Recursos, o R10 regista um acréscimo anual bastante mais elevado (7,25%) que o Ce (5,45%).

A diferença dos índices R10 e R5 regista taxas de crescimento médio anual negativas nas três variáveis em análise. Isto explica-se com a perda de quotas de mercado dos pequenos bancos em benefício dos grandes grupos financeiros. A acentuada concorrência, a que temos assistido, reflecte-se nas guerras sucessivas a nível do crédito à habitação e da captação de depósitos (supercontas).

Quadro 21. Variações percentuais globais dos índices de concentração entre 1987 e 1999

Índices	Activo	Crédito s/ Clientes	Recursos Captados	Média dos Índices
HH	35,08%	17,45%	13,84%	22,12%
HT	35,40%	41,81%	17,17%	31,46%
Ce	36,20%	37,99%	18,64%	30,94%
R5	34,23%	34,57%	23,60%	30,80%
R10	5,02%	6,42%	2,55%	4,66%
R5-10	-214,90%	-184,64%	-121,27%	-173,60%

Elaborado pelo próprio

Os valores médios dos índices HT, R5 e Ce de 1987 a 1999 referentes às três rubricas em análise apresentam grande proximidade; o R10 e o R5-10 registam valores médios bastante divergentes e o índice HH situa-se a cerca de 8 pontos percentuais dos índices HT, R5 e Ce (quadro 21).

Quadro 22 – Diferenças entre os índices de concentração de 1999 e 1987

Índices	Activo	Crédito s/ Clientes	Recursos Captados
HH	4,21%	2,38%	1,84%
HT	3,83%	4,57%	2,14%
Ce	3,26%	3,29%	1,76%
R5	21,78%	21,91%	15,92%
R10	4,48%	5,68%	2,18%
R5-10	-17,31%	-16,23%	-13,74%

Elaborado pelo próprio

Constata-se da análise do índice R5 do quadro anterior que neste período os cinco maiores grupos financeiros conquistaram cerca de 22% da quota de mercado no Activo e Créditos sobre Clientes, bem como 16% a nível dos Recursos Captados. O R10 apresenta, para as variáveis em análise, acréscimos situados entre 2,18% e 5,68%, bastante inferiores ao R5 o que se explica pela expansão dos cinco maiores conglomerados financeiros à custa dos outros cinco bancos mais pequenos, situados entre a 5ª e a 10ª posição no *ranking* dos centros de decisão financeira com maiores quotas de mercado. O índice R5-10 confirma esta interpretação com os decréscimos registados de 16 a 17% no Activo e Créditos sobre Clientes e de cerca de 14% nos Recursos Captados.

Nos restantes índices de concentração HH, HT e Ce, o acréscimo registado de 1987 para 1999 situa-se entre cerca de 2 a 4%. O acréscimo mais significativo da concentração nestes índices em termos de Activo reflecte os elevados investimentos em novas tecnologias realizados pelos maiores grupos financeiros neste período e que cresceram a um ritmo superior ao dos pequenos bancos. Também em relação aos mesmos índices, o acréscimo dos Recursos Captados foi bastante menor, no entanto a nível dos Créditos sobre Clientes os acréscimos estão próximos dos do Activo, o que traduz também os efeitos dos elevados investimentos realizados em campanhas de marketing por parte dos grandes grupos financeiros, numa época de crescimento económico.

5.2 INDICADORES DA AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS PRINCIPAIS GRUPOS FINANCEIROS NO PERÍODO 1992-03

Os cinco principais grupos financeiros portugueses são o grupo CGD (GCGD), o grupo BCP (GBCP), o grupo BPSM (GBPSM até 1999, sendo substituído pelo grupo TOTTA no ano 2000), o grupo BPI (GBPI) e o grupo BES (GBES). Até 1994/95 existiram mais três grupos – GBPA, GBTA e GBFE – que foram integrados nos grupos BCP, BPSM e BPI, respectivamente. Estes três últimos grupos financeiros formaram-se com base em operações de concentração, enquanto o grupo BES se expandiu com base essencialmente no crescimento interno, o mesmo se tendo passado com o grupo CGD, embora este grupo tenha também absorvido o BNU.

A análise da evolução dos principais grupos financeiros portugueses no período 1992/03 é feita com base no estudo comparativo das rubricas mais relevantes do sistema financeiro, dos rácios de estrutura, de produtividade, eficiência e rentabilidade dos vários grupos e do sistema bancário em geral (conforme referido em 4.3 Variáveis e Indicadores Utilizados) com o objectivo de verificar se a concentração contribuiu para uma maior eficiência do sistema financeiro português e para uma maior *performance* em termos de produtividade, rentabilidade, economias fiscais, redução de juros e de custos com pessoal.

Seguidamente apresentam-se os quadros com os cálculos dos rácios de estrutura, produtividade e eficiência e com as variações das variáveis mais relevantes do sistema financeiro. Os valores absolutos destas variáveis ao longo do período em análise são apresentados no CD anexo à dissertação, para evitar a duplicação do número de quadros.

Evolução dos rácios de estrutura

- Crédito / Activo (ver quadro 44)

De 1992 a 1999 todos os grupos registaram acréscimos neste rácio. No entanto, o GBCP, o GBES e o GCGD cresceram menos que o sector e os grupos BPI e BPSM tiveram um incremento a uma taxa dupla da do sector. O GCGD foi o que registou uma variação média mais baixa neste período.

O grupo BCP é o que manifesta uma evolução mais irregular neste rácio, com sucessivos avanços e recuos ao longo da década de 90.

Nos 4 primeiros anos do 2º milénio a generalidade dos principais grupos financeiros apresentam índices muito próximos da média sectorial.

- Depósitos / Activo (ver quadro 35)

O GCGD é o que atinge em 1999 uma “fasquia” mais elevada neste rácio, apesar de nos três anos anteriores ter sofrido uma ligeira quebra. Os restantes grupos registam valores negativos.

De 1992 a 1999 todos os grupos sofreram uma quebra neste rácio, sendo, aliás esta a tendência geral do sector. As maiores quebras verificaram-se nos grupos BCP e BES, mas os grupos BPI e BPSM também registaram descidas significativas neste período, bastante superiores ao decréscimo médio do sector (-41%). Esta evolução fica a dever-se à diminuição da poupança, à sua canalização para o mercado de capitais e também aos investimentos significativos registados pelos bancos nesta década.

De 2000 a 2003 a maioria dos grupos financeiros apresenta índices superiores à média sectorial, excepto o GBCP que regista todos os anos índices inferiores e os grupos CGD e TOTTA que em 2001 e 2003, respectivamente, apresentaram valores inferiores à média do sector.

- Títulos / Activo (ver quadro 37)

Verificou-se uma tendência para a deterioração deste rácio a nível sectorial de 1992 a 1999. Esta tendência é acompanhada por todos os grupos financeiros que registaram uma variação média inferior à do sector.

Todos os grupos apresentam desde 1997 índices que superam a média do sector, mas em 1998 e 1999 só o GCGD supera esta média, registando os restantes grupos índices negativos, excepto o GBPI que em 1998 apresenta um índice de 6,1% (inferior à média sectorial).

De 2000 a 2003 os grupos TOTTA e BCP registam valores inferiores à média sectorial, apresentando os restantes índices superiores.

- Crédito / Depósitos (ver quadro 39)

A tendência no período 1992-99 foi para um crescimento geral deste rácio, registando-se acréscimos superiores a 100% nos grupos BCP e BPI, acréscimos de 96% no GBPSM, de 74% no GBES e de 20% no GCGD. O crescimento mais acentuado foi registado pelo GBCP com 145%, seguido do BPI com 135%.

Em 1999 o nível mais elevado deste indicador é atingido pelo GBCP, seguido de perto pelo GBES, que ultrapassam largamente a média do sector. O GBPSM supera ligeiramente a média sectorial, o GBPI fica aquém desta média, mas aproxima-se muito dela, e o GCGD está em último lugar (81,9%), abaixo da média do sector.

Em 2000 e 2001 alguns dos principais grupos financeiros situavam-se aquém da média sectorial, mas a partir de 2002 todos os grupos ultrapassam essa média.

- Crédito / Títulos (ver quadro 40)

Regista-se uma tendência para o crescimento deste indicador no período 1992-99 em todos os grupos e a nível sectorial.

Até 1995 os grupos BCP e CGD estiveram à frente neste índice, superando a média sectorial, mas em 1997 todos os grupos ficaram aquém desta média. Em 1998, devido à redução da média sectorial, todos os grupos a ultrapassaram, mas em 1999, ano em que esta média subiu vertiginosamente, nenhum grupo financeiro logrou atingi-la.

Em 1999 o índice mais alto é registado pelo GBPSM, situando-se os grupos BES, BPI e CGD em níveis muito próximos entre si. O grupo BCP apresenta o índice mais baixo.

De 2000 a 2003 só os grupos TOTTA e BCP ultrapassam a média sectorial, situando-se os restantes grandes grupos abaixo dessa média.

Evolução dos rácios de produtividade

- Depósitos / Trabalhadores (ver quadro 36)

Este rácio sofreu um crescimento elevado durante este período nos cinco principais grupos e no sector em geral. Os grupos CGD, BCP e BPI superaram a média sectorial neste período (excepto o GBCP em 1993 e 1999 e o GBPI em 1999). A partir de 1995 todos os grupos ultrapassaram a média do sector, mas em 1999 a média do sector subiu substancialmente, de modo que só o GCGD e o GBPSM é que superaram esta média. Os restantes grupos tiveram quebras significativas de 1998 para 1999, situando-se abaixo da média, tendo o GBES registado o valor mais baixo.

Nos quatro primeiros anos do 2º milénio, à excepção do GBPI, todos os outros grupos ultrapassaram a média sectorial, embora com a excepção do GCGD em 2001.

- Trabalhadores / Balcões (ver quadro 34)

Verifica-se uma tendência para a redução do número de trabalhadores, devido aos elevados investimentos em novas tecnologias e consequentes despedimentos e reformas antecipadas que tiveram lugar na banca.

Em 1996 só o GBCP e o GBES superavam a média sectorial. Em 1998 o GBPSM igualou esta média, mas em 1999 como a média do sector baixou dois trabalhadores por balcão só o GBCP (com 9 trabalhadores por balcão) logrou superar esta média e o GBES igualou-a (11 trabalhadores por balcão). O GCGD, com 16 trabalhadores por balcão, está muito longe da média sectorial e os grupos BPI e BPSM, com 13 trabalhadores por balcão, estão mais próximos desta média.

O grupo TOTTA tem vindo a baixar o nº de trabalhadores por balcão desde 2000, atingindo em 2003 o patamar dos 9 quando a média sectorial registada foi de 10. De 2000 a 2003 só o GBCP conseguiu ter um desempenho superior à média sectorial com 9 trabalhadores por balcão. No entanto, o GBES apresenta também indicadores idênticos ou até mais favoráveis que a média do sector.

- Activo / N° de Balcões (ver quadro 45)

Este rácio tem registado valores quase sempre crescentes a nível do sector bancário, tendo quase duplicado entre 1992 e 2003. Todos os grupos financeiros registaram, na maioria dos anos, valores superiores à média do sector.

Evolução dos rácios de eficiência

- RFC / Activo (ver quadro 48)

Este indicador tem sofrido neste período um decréscimo significativo a nível sectorial e os maiores grupos financeiros têm acompanhado esta tendência, à excepção do GBCP, que apresenta um índice duplo em relação à média do sector em 1999 e um crescimento muito elevado neste período. Todos os outros grupos apresentam nesse ano valores negativos, inferiores, portanto, à média sectorial.

O GBES, que em 1997 e 1998 tinha sempre superado a média sectorial, em 1999 teve uma quebra muito acentuada, registando Custos de Exploração bastante superiores aos Proveitos de Exploração.

O GBPI regista desde 1993 um valor negativo neste indicador. O GBPSM só em 1997 é que apresenta valores positivos, apresentando valores negativos nos restantes anos. O GCGD regista também valores negativos de 1996 a 1999.

De 2000 a 2003 este indicador apresenta, para a generalidade dos principais grupos financeiros, valores inferiores à média do sector.

- RFC / N° de Trabalhadores (ver quadro 41)

À semelhança do rácio anterior, também se verifica uma tendência para um decréscimo significativo deste indicador, em virtude da redução acentuada das RFC e apesar da diminuição gradual do número de trabalhadores. O GBCP é o único que apresenta neste rácio em 1999 um valor superior ao de 1993, superando todos os anos a média sectorial.

Até 1996 o GCGD superou a média sectorial neste indicador, mas nos últimos anos teve quebras muito acentuadas, apresentando a partir de 1998 valores negativos.

O GBPSM só em 1995 logrou superar a média do sector e o GBPI também esteve todos os anos abaixo da referida média. O GBES superou a média do sector de 1995 a 1998, mas em 1999 este índice caiu em flecha para valores negativos, devido ao grande desequilíbrio entre os custos e proveitos de exploração.

De 2000 a 2003 este indicador apresenta, na generalidade dos principais grupos financeiros, valores inferiores à média do sector, como ocorreu no rácio anterior.

- Activo / N° de Trabalhadores (ver quadro 43)

Regista-se um acréscimo acentuado deste rácio a nível sectorial durante o período 1992-99 e os principais grupos financeiros acompanham esta tendência, que é devida às sucessivas reduções do quadro de efectivos na banca e aos elevados investimentos que ocorreram.

O GCGD, que até 1995 superava a média sectorial, em 1996 e a partir de 1998 passou a situar-se aquém desta média, registando a última posição em 1999.

O GBCP superou todos os anos a média do sector, apresentando sempre o valor mais elevado dos grupos financeiros.

O GBPSM registou até 1994 índices baixos, mas em 1995 conseguiu superar a média do sector. Após uma descida acentuada em 1996, no ano seguinte superou a média sectorial. Em 1998 e 1999 situou-se abaixo desta média, embora próximo dela.

O GBPI até 1995 superou a média do sector e nos anos seguintes (1996-1999) só em 1997 conseguiu superar a referida média.

O GBES foi-se aproximando gradualmente da média do sector até 1994 e a partir de 1995 conseguiu superá-la (excepto em 1996), atingindo o segundo lugar neste rácio em 1998 e 1999.

De 2000 a 2003 os grupos financeiros registaram valores sempre bastante superiores à média do sector, excepto o GBCP em 2003.

Taxas de crescimento das variáveis mais relevantes do sistema bancário

As variáveis mais relevantes do sistema bancário são: o activo, o crédito, os depósitos, os títulos, o nº de trabalhadores, o nº de balcões e RFC.

- Activo (ver quadro 31)

O Activo sofreu um incremento acentuado nos balanços dos cinco principais grupos financeiros, à semelhança do que ocorreu no sector.

O GBPI é o que apresenta, em média, taxas de crescimento mais elevadas. Os restantes grupos apresentam, em média, taxas de crescimento inferiores à média do sector, ao contrário do que se verifica com os restantes grupos financeiros.

Em 1998 os grupos BPSM, BPI e BCP registam taxas de crescimento negativas. Em 1997 e 1998 o GBES foi o que registou taxas de crescimento mais elevadas, no entanto em 1999 é o GBCP o que mais cresce em termos de Activo. Os restantes grupos cresceram em 1999 a uma taxa inferior à média sectorial.

Durante este período de 1992-99 o GBPSM é o que apresenta taxas de crescimento do Activo mais baixas.

De 1999 para 2000 registaram-se a nível sectorial desinvestimentos da ordem dos 15% e pequenos acréscimos nos activos nos anos seguintes. Nos principais grupos financeiros registaram-se quebras no activo em 2001 no GCGD, em 2000 e 2002 no GBCP e no GBPI em 2002 e 2003. No entanto, em termos globais neste período só o GBPI apresenta um decréscimo médio anual do activo da ordem dos 2%; dos restantes grupos financeiros o GCGD e o GBCP apresentaram baixas taxas de crescimento médio anual (2% e 4% respectivamente), o GBES regista um crescimento médio anual de 10% e o GTOTTA apresenta um crescimento anual de 345%.

- Depósitos (ver quadro 32)

A taxa de crescimento anual dos depósitos no sector bancário de 1992 a 1999 foi de 20,9%.

Dos cinco principais grupos financeiros, só os grupos CGD e BES apresentaram taxas de crescimento médias inferiores, registando o GBPSM o maior índice médio, seguido do GBCP e do GBPI.

No que se refere aos últimos três anos, só os grupos BPI e BES superaram a taxa de crescimento sectorial em 1997 (10,8%) e o GCGD que teve um crescimento superior ao sector em 5,3% no ano de 1998. Em 1999 todos os grupos ficaram aquém da média de crescimento do sector.

Nos primeiros quatro anos do 2º milénio o crescimento dos depósitos dos principais grupos financeiros foi superior à média sectorial. O GCGD foi o que registou maiores acréscimos nesta rubrica, logo seguido do GBPI. O GTOTTA apresentou um crescimento negativo neste período, embora superior à média do sector.

- **Balcões** (ver quadro 33)

À excepção dos grupos CGD e BES, cujas taxas de crescimento médio da rede de balcões no período 1992-99 foram extremamente baixas (quase metade da média sectorial), todos os grupos registaram taxas médias bastante superiores à do sector. O GBPSM é o que apresenta a taxa média de crescimento da rede de balcões mais elevada neste período, seguido do GBPI.

No entanto, em 1999 todos os grupos aumentaram a sua rede de balcões a uma taxa inferior à do sector e no ano de 1997 só o GBPI e GBES é que cresceram a uma taxa superior à média sectorial. Em 1998 os grupos BCP, BPSM, e BPI registaram um decréscimo do número de balcões.

De 2000 a 2003 a taxa média de crescimento anual da rede de balcões tem sido negativa no sector bancário (-1%). Neste período só o grupo BPI tem registado um decréscimo superior à média sectorial e os restantes grupos financeiros apresentaram até um ligeiro acréscimo da rede de balcões.

- **Títulos** (ver quadro 27)

Quanto às taxas de crescimento dos títulos, destaca-se o grupo BCP cuja taxa média é mais de sessenta e quatro vezes superior à do sector no período 1992-99 e o GBPSM cuja taxa média é cerca de treze vezes a do sector. Em relação aos restantes grupos, estes registaram taxas médias

de crescimento dos títulos, neste período, inferiores à do sector, sendo o GCGD o que se aproxima mais da média sectorial.

O GBCP regista também decréscimos nesta rubrica no período de 1992-95, em 1997 e 1998 embora em 1999 tenha apresentado a maior taxa de crescimento dos grupos financeiros, sendo, aliás, o único banco a crescer nesta rubrica.

Os grupos BES e BPI registaram também quebras nos títulos em 1998 e 1999, embora este último grupo apresente quebras muito mais acentuadas.

O GBPSM regista decréscimos nesta rubrica desde 1996. O GCGD, que apresentava um crescimento nesta rubrica até 1997 a uma taxa superior à média sectorial (excepto em 1995), em 1998 e 1999 registou decréscimos significativos.

De destacar o ano de 1996 em que o grupo BCP registou uma taxa de crescimento dos títulos de 4546%, devido às fusões e aquisições em que esteve envolvido.

De 2000 a 2003 a taxa média de crescimento anual dos títulos no sector bancário foi baixa (2%). A maioria dos grupos financeiros apresentaram um crescimento médio anual negativo neste período, mas os grupos BES e BPI registaram um elevado crescimento.

- Trabalhadores (ver quadro 29)

A nível sectorial no período de 1992 a 1998 registaram-se todos os anos reduções do número de trabalhadores, só em 1999 se verificou um aumento dos efectivos. Neste período o grupo que regista globalmente um maior acréscimo de trabalhadores é o GBPI, logo seguido do GBPSM. Os grupos CGD e BES apresentam também reduções no número de trabalhadores neste período, sendo o GBES o que regista maior redução, em média.

No ano de 1995 registou-se um grande crescimento do número de trabalhadores no GBCP e GBPI e em 1996 o GBPI apresentou um decréscimo ainda superior. Estes acréscimos anormais do número de efectivos têm origem nas fusões e aquisições que tiveram lugar nesses grupos. É curioso constatar que nos anos posteriores a estas concentrações bancárias os mesmos grupos financeiros procederam a reduções de pessoal para reestruturarem os conglomerados financeiros.

Em 1999 regista-se a nível do sector bancário um acréscimo de trabalhadores de 7,5%, índice que só é superado pelo GBPI (8,8%), embora o GBCP tenha apresentado um valor de 7%, muito próximo da média sectorial. O GBES também regista um acréscimo, mas pouco significativo, e os grupos CGD e BPSM apresentam reduções no número de trabalhadores.

No 2º milénio acentuou-se a tendência para a redução do número de trabalhadores (média anual de 4% a nível sectorial). Os grupos financeiros também registaram a mesma tendência, tendo os grupos CGD, BPI e TOTTA ultrapassado a média negativa do sector em termos anuais (-4%), tendo atingido variações anuais da ordem dos -5% e -6%.

- **Crédito** (ver quadro 28)

A nível geral do sector bancário, neste período em análise, o crédito aumentou anualmente a um ritmo crescente. O GBPSM foi o que apresentou uma taxa média de crescimento do crédito mais elevada, tendo registado, após a aquisição do BTA, um incremento de 782 % em 1995. Em 1997 e 1998 regista uma quebra nesta taxa que se situa abaixo da média sectorial, mas em 1999 já consegue ultrapassar a “fasquia” sectorial, ficando só atrás do GBCP no “ranking” dos grupos financeiros.

O GBCP também regista um incremento bastante elevado do crédito (222%) após a aquisição do GBPA e depois de uma redução desta taxa nos dois anos seguintes para níveis inferiores à média do sector, consegue superar esta média em 1998 e 1999. O GBPI também reflecte os efeitos da aquisição do GBFE, registando em 1995, 1996 e 1997 incrementos no crédito de 130%, 228% e 230%, respectivamente. O GBES apresenta quase todos os anos taxas de crescimento do crédito superiores à média do sector, excepto em 1993, 1994 e 1999. O GCGD foi o grupo que teve uma menor taxa de crescimento médio do crédito de todos os grupos financeiros ao longo deste período, e, inclusive, inferior à média do sector. Só em dois anos (1997 e 1998) conseguiu superar a média sectorial

No início do 2º milénio regista-se no sector um abrandamento do crescimento do crédito. As taxas de crescimento do crédito baixaram de 12,3% em 99/00 para 4,5% em 2002/03 no sector bancário. Os grupos BPI e TOTTA foram os mais afectados com este decréscimo que se reflectiu em todos os grupos financeiros.

- **RFC – Receitas Financeiras Correntes** (ver quadro 30)

Só os grupos financeiros BCP e BPSM registaram, na década de 90, taxas médias de crescimento das RFC superiores à média sectorial (71,9%), tendo o GBCP tido um crescimento

espectacular de 671%. Os grupos CGD, GBES e BPI registaram taxas negativas. A explicação para estes baixos índices poderá estar, em parte, relacionada com a redução progressiva da taxa de intermediação financeira. Após as operações de fusões e aquisições dos grupos BCP, BPSM e BPI registam-se incrementos muito significativos das taxas de crescimento das RFC.

De 2000 a 2003 a taxa de crescimento médio anual das RFC do sector foi negativa. O GCGD foi o que registou um maior crescimento, bastante superior aos grupos que se lhe seguem: BCP e TOTTA. Os grupos BES e BPI situam-se abaixo da média do sector.

Quadro 23. Comparação dos rácios (e variáveis) médios do sector e dos principais grupos financeiros entre 1992 e 2003

	1992		2003		Factores Multiplicadores		Diferenças
	Média dos Grupos Financ	SECTOR	Média dos Grupos Financ	SECTOR	Sector	Grupos Financeiros	
Activo (*)	2592246	19272715	56614773	326572187	16,9	21,8	4,9
Proveitos Exploração (*)	332683	2832227	7458290	33340105	11,8	22,4	10,6
Custos de Exploração (*)	321192	2718092	6464508	28708622	10,6	20,1	9,5
R.F.C. (*)	11491	114135	993782	4631483	40,6	86,5	45,9
RFC / Activo	0,004	0,006	0,018	0,014	2,4	4,0	1,6
Nº de Trabalhadores	6977	62469	7642	52877	0,8	1,1	0,2
Activo/Trabalhadores	372	309	7409	6176	20,0	19,9	-0,1
RFC / Trabalhadores	1,6	1,8	130	88	47,9	79,0	31,0
Crédito (*)	1114648	10542910	41538058	241815357	22,9	37,3	14,3
Crédito / Activo	0,4	0,5	0,73	0,74	1,4	1,7	0,4
<u>Crédito / Trabalhadores</u>	<u>160</u>	<u>169</u>	<u>5436</u>	<u>4573</u>	<u>27,1</u>	<u>34,0</u>	<u>6,9</u>
Depósitos (*)	1730488	12388598	26762507	139141379	11,2	15,5	4,2
Crédito / Depósitos	0,6	0,9	1,6	1,7	2,0	2,4	0,4
Títulos (Aplicações)	804680	4393288	6324501	31923843	7,3	7,9	0,6
Crédito / Títulos	1,39	2,40	6,57	7,57	3,2	4,7	1,6
Títulos / Activo	0,31	0,23	0,11	0,10	0,43	0,4	-0,1
Depósitos / Activo	0,67	0,64	0,47	0,43	0,66	0,7	0,033
<u>Depósitos/Trabalhadores</u>	<u>248</u>	<u>198</u>	<u>3502</u>	<u>2631</u>	<u>13,3</u>	<u>14,1</u>	<u>0,9</u>
Nº de Balcões	327	2991	703	5256	1,8	2,2	0,4
Activo / Balcões	7930	6444	80487	62133	9,6	10,1	0,5
<u>Trabalhadores/Balcões</u>	<u>21,3</u>	<u>20,9</u>	<u>10,9</u>	<u>10,1</u>	<u>0,48</u>	<u>0,5</u>	<u>0,03</u>

Elaborado pelo próprio

(*) Variáveis apresentadas em milhares de euros

Nota: A média dos grupos financeiros foi calculada a preços constantes

Na grande maioria dos rácios apresentados e na totalidade das variáveis o incremento médio dos grupos financeiros foi superior ao do sector de 1992 para 2003, à excepção dos rácios títulos sobre activo e activo por trabalhador. No entanto, as diferenças entre as taxas de

crescimento destes rácios no sector e na média dos grupos financeiros são mínimas nestes dois rácios.

Desta análise pode-se concluir que os grupos financeiros tiveram, na generalidade, uma boa *performance* pós-fusões e aquisições comparativamente com as restantes instituições financeiras. Falta agora analisar o desempenho de cada um dos grupos financeiros comparativamente com a evolução do sector.

Quadro 24. Factores Multiplicadores dos indicadores dos grupos financeiros de 1992 para 2003

	GCGD	GBES	GBPI	GBCP	SECTOR	TOP1	TOP2	TOP3
Activo	12,8	27,7	15,3	50,0	16,9	GBCP	GBES	SECTOR
Proveitos Exploração	15,5	24,0	10,9	26,9	11,8	GBCP	GBES	GCGD
Custos de Exploração	14,9	19,7	9,8	20,1	10,6			
R.F.C.	22,3	-709,5	160,2	2722,6	40,6	GBCP	GBPI	SECTOR
RFC / Activo	1,8	-25,6	10,5	54,4	2,4	GBCP	GBPI	SECTOR
Nº de Trabalhadores	0,8	0,9	2,0	2,5	0,8	GBCP	GBPI	GBES
Activo / Trabalhadores	16,9	31,0	7,8	20,2	20,0	GBES	GBCP	SECTOR
RFC / Trabalhadores	29,7	-794,9	82,0	1101,4	47,9	GBCP	GBPI	SECTOR
Crédito	17,3	42,9	44,3	93,1	22,9	GBCP	GBPI	GBES
Crédito / Activo	1,4	1,5	2,9	1,9	1,4	GBPI	GBCP	GBES
Crédito / Trabalhadores	23,0	48,1	22,7	37,7	27,1	GBES	GBCP	SECTOR
Depósitos	10,5	23,5	11,15	31,9	11,23	GBCP	GBES	SECTOR
Crédito / Depósitos	1,6	1,8	4,0	2,9	2,0	GBPI	GBCP	SECTOR
Títulos (Aplicações)	7,4	6,4	4,5	6,0	7,3	GCGD	SECTOR	GBES
Crédito / Títulos	2,3	6,7	9,8	15,4	3,2	GBCP	GBPI	GBES
Títulos / Activo	0,6	0,2	0,3	0,1	0,4	GCGD	SECTOR	GBPI
Depósitos / Activo	0,82	0,85	0,73	0,6	0,66	GBES	GCGD	GBPI
Depósitos / Trabalhadores	14,0	26,3	5,7	12,9	13,3	GBES	GCGD	GBPI
Balcões	1,2	2,2	3,2	4,0	1,8	GBCP	GBPI	GBES
Activo / Balcões	10,8	12,4	4,7	12,7	9,6	GBCP	GBES	GCGD
Trabalhadores / Balcões	0,64	0,4	0,60	0,63	0,5	GBES	SECTOR	GBPI

Elaborado pelo próprio

Quadro 25. Ranking da variação do desempenho dos grupos financeiros 1992/2003

RÁCIOS	Top1	Top2	Top3	Soma
GBCP	4	4	0	8
GBES	5	1	2	8
GBPI	2	3	3	8
GCGD	1	2	1	4
SECTOR	0	2	6	8
Soma	12	12	12	36
VARIÁVEIS	Top1	Top2	Top3	Soma
GBCP	7	0	0	7
GBES	0	3	4	7
GBPI	0	4	0	4
GCGD	1	0	0	1
SECTOR	0	1	4	5
Soma	8	8	8	24

Elaborado pelo próprio

O grupo BCP lidera incontestavelmente nos índices de incremento em 11 indicadores: em 7 das 8 variáveis consideradas e em 4 rácios, situando-se em 2º lugar em mais outros 4 rácios, num total de 12 rácios calculados. Os rácios de eficiência são liderados pelo grupo BCP, excepto o rácio Activo / Trabalhadores cujo incremento maior foi registado pelo grupo BES, logo seguido de perto pelo grupo BCP.

O grupo BES posiciona-se em 2º lugar a nível do desempenho neste período, liderando em 5 rácios, entre eles todos os relacionados com a produtividade, o que indica que o incremento da produtividade neste período foi bastante significativo no BES; O GBPI posiciona-se em 3º lugar com desempenhos razoáveis em termos de eficiência e de estrutura, mas baixos em termos de produtividade. Em último lugar temos o grupo CGD que regista um fraco incremento do desempenho neste período (em muitos casos inferior à média do sector), só liderando num rácio e numa variável, ambos os indicadores ligados à rubrica Títulos em que esta instituição é forte. No entanto, há que assinalar que, em relação aos indicadores absolutos, o grupo CGD em 1992 já era líder incontestado de mercado e já detinha níveis elevados de Activo, Depósitos, Crédito a Clientes, etc, de modo que esta análise em termos de incremento penaliza os líderes porque quanto maior é a “fasquia” alcançada mais difícil se torna crescer.

De assinalar também que o sector regista 2 rácios e uma variável no TOP 2, para além de 6 rácios e 4 variáveis no TOP 3. Por outro lado, foram excluídos os grupos BPSM e Totta / Santander, o primeiro porque só existiu como grupo até 1999 e o segundo porque só foi constituído em Portugal em 2000.

Quadro 26. INDICADORES DOS GRUPOS FINANCEIROS EM 2003

Unidade: milhares de euros

	GCGD	GTOTTA	GBES	GBPI	GBCP	Top1	Top2	Top3
Activo	74.984.999	49.441.409	53.576.998	28.666.217	76.404.240	GBCP	GCGD	GBES
Proveitos de Exploração	9.650.308	11.378.748	6.656.390	3.222.309	6.383.697	GTOTTA	GCGD	GBES
Custos de Exploração	8.641.845	10.548.730	5.519.772	2.856.622	4.755.571			
R.F.C.	1.008.463	830.018	1.136.618	365.687	1.628.126	GBCP	GBES	GCGD
RFC / Activo	0,013	0,017	0,0212	0,013	0,0213	GBCP	GBES	GTOTTA
Nº de Trabalhadores	10.591	5.427	6.024	6.269	9.898	GCGD	GBCP	GBPI
Activo / Trabalhadores	7.080	9.110	8.894	4.573	7.719	GTOTTA	GBES	GBCP
RFC / Trabalhadores	95	153	189	58	164	GBES	GBCP	GTOTTA
Crédito	50.361.044	35.505.567	40.565.475	22.027.200	59.231.003	GBCP	GCGD	GBES
Crédito / Activo	0,67	0,72	0,76	0,77	0,78	GBCP	GBPI	GBES
Crédito / Trabalhadores	4.755	6.542	6.734	3.514	5.984	GBES	GTOTTA	GBCP
Depósitos	44.796.117	18.943.702	25.533.989	13.664.350	30.874.377	GCGD	GBCP	GBES
Crédito / Depósitos	1,12	1,87	1,59	1,61	1,92	GBCP	GTOTTA	GBPI
Títulos (Aplicações)	7.898.341	9.545.603	5.967.327	3.372.751	4.838.485	GTOTTA	GCGD	GBES
Crédito / Títulos	6,38	3,72	6,80	6,53	12,24	GBCP	GBES	GBPI
Títulos / Activo	0,105	0,19	0,111	0,12	0,06	GTOTTA	GBPI	GBES
Depósitos / Activo	0,60	0,38	0,4766	0,4767	0,40	GCGD	GBPI	GBES
Depósitos/Trabalhadores	4.230	3.491	4.239	2.180	3.119	GBES	GCGD	GTOTTA
Balcões	784	577	590	499	1.067	GBCP	GCGD	GBES
Activo / Balcões	95.644	85.687	90.808	57.447	71.607	GCGD	GBES	GTOTTA
Trabalhadores / Balcões	14	9,4	10	13	9,3	GBCP	GTOTTA	GBES

Fonte: Boletins Informativos da Associação Portuguesa de Bancos e cálculos efectuados pelo próprio

O grupo BCP mantém a liderança em 2003 a nível do desempenho registado nos rácios e nas quotas de mercado subjacentes às variáveis mais relevantes do sistema financeiro: lidera em 5 rácios, com outro no Top 2, e 4 variáveis registando duas também no Top 2.

O grupo BES posiciona-se em 2º lugar e em 3º lugar situam-se muito próximos os grupos CGD e TOTTA. Em último lugar está o grupo BPI com o pior desempenho registado em 2003 e com as quotas de mercado mais baixas.

A nível do desempenho em termos de eficiência verifica-se que os grupos BCP, BES e Totta / Santander lideram inequivocamente, estando os três muito próximos. No que respeita ao desempenho em termos de produtividade constata-se que o grupo BES supera os outros, mas os grupos BCP e Totta / Santander não estão muito longe.

O grupo CGD continua a liderar nos depósitos, no número de trabalhadores e nos rácios Activo / Balcões e Depósitos / Activo. O grupo BPI não lidera em nenhum indicador e situa-se na segunda posição em três rácios de estrutura.

Na década de 90, entre os principais grupos financeiros portugueses, os grupos BCP e CGD são claramente os que registam uma melhor e uma pior *performance*, respectivamente, como se pode verificar no quadro seguinte que resume a evolução de todos os indicadores calculados para os principais grupos financeiros, comparativamente às taxas de crescimento do sector para os vários indicadores calculados:

Quadro 46 – Incremento dos indicadores de estrutura, eficiência e produtividade nos anos 90

	GCGD	GBCP	GBPSM	GBPI	GBES
Taxas de crescimento:					
. Do Crédito	-	+	+	+	+
. Das RFC	-	+	+	-	-
. Dos Títulos	-	++	-	+	-
. Do nº de Trabalhadores	-	-	+	+	--
. Do Activo	+	+	-	+	+
. Dos Depósitos	+	+	-	+	+
. Do Nº de Balcões	-	+	-	+	-
Rácios					
. Trabalhadores / Balcões	--	+	-	-	+
. Depósitos / Trabalhadores	+	+	+	-	-
. Depósitos / Activo	++	-	-	-	-
. Créditos / Títulos	+	+	+	+	+
. Títulos / Activo	+	-	-	-	-
. Crédito / Trabalhadores	-	++	-	-	+
. Crédito / Depósitos	-	++	+	+	++
. RFC / Nº de Trabalhadores	-	++	-	-	--
. Crédito / Activo	--	-	+	-	+
. RFC / Activo	-	++	-	-	-
. Activo / Trabalhadores	-	++	+	-	+
. Activo / Balcões	+	+	+	+	+

(+)→ superior à média sectorial e dos outros grupos financeiros

(-)→ inferior à média sectorial e dos outros grupos financeiros

Elaborado pelo próprio

Quadro 47. Incremento dos indicadores de 2000 a 2003

	GCGD	GTOTTA	GBES	GBPI	GBCP	SECTOR	TOP 1	TOP 2	TOP 3
Activo	1,03	1,33	1,29	1,01	1,12	1,19	GTOTTA	GBES	SECTOR
Proveitos de Exploração	1,09	3,45	0,85	0,75	1,14	1,15	GTOTTA	SECTOR	GBCP
R.F.C.	0,92	1,35	1,23	1,21	1,28	1,26	GTOTTA	GBCP	SECTOR
RFC / Activo	0,90	1,02	0,96	1,19	1,15	1,06	GBPI	GBCP	SECTOR
Nº de Trabalhadores	0,90	0,77	1,00	0,86	0,84	0,93	GTOTTA	GBPI	GCGD
Activo / Trabalhadores	1,14	1,74	1,29	1,18	1,33	1,28	GTOTTA	GBES	SECTOR
RFC / Trabalhadores	1,02	1,77	1,23	1,41	1,53	1,36	GTOTTA	GBCP	GBPI
Crédito	1,01	1,13	1,29	1,12	6,48	1,19	GBCP	GBES	SECTOR
Crédito / Activo	0,98	0,85	1,01	1,11	5,81	1,00	GBCP	GBPI	GBES
Crédito / Trabalhadores	1,12	1,48	1,29	1,31	7,72	1,28	GBCP	GTOTTA	GBPI
Depósitos	0,97	0,91	1,28	1,09	1,06	1,08	GBES	GBPI	SECTOR
Crédito / Depósitos	1,04	1,25	1,01	1,03	6,09	1,10	GBCP	GTOTTA	SECTOR
Títulos (Aplicações)	0,67	4,38	1,19	0,73	0,70	1,02	GTOTTA	GBES	SECTOR
Crédito / Títulos	1,50	0,26	1,08	1,54	9,31	1,17	GBCP	GBPI	GCGD
Títulos / Activo	0,65	3,29	0,93	0,72	0,62	0,86	GTOTTA	GBES	SECTOR
Depósitos / Activo	0,94	0,68	1,00	1,08	0,95	0,91	GBPI	GBES	GBCP
Depósitos/Trabalhadores	1,08	1,18	1,280	1,276	1,27	1,16	GBES	GBPI	GBCP
Balcões	1,01	1,05	1,00	0,84	0,78	0,99	GTOTTA	GCGD	GBES
Activo / Balcões	1,01	1,27	1,29	1,21	1,44	1,21	GBCP	GBES	GTOTTA
Trabalhadores / Balcões	0,89	0,73	1,00	1,02	1,08	0,94	GTOTTA	GCGD	SECTOR

Elaborado pelo próprio

Nota: Nos indicadores "Nº de Trabalhadores" e "Trabalhadores / Balcões" atribuiu-se relevância aos valores mais baixos

Quadro 48. Ranking do desempenho dos grupos financeiros 2000/03

RÁCIOS				
	TOP			TOTAL
	TOP 1	TOP 2	3	
GBCP	5	2	2	9
GTOTTA	4	2	1	7
GBES	1	4	1	6
GBPI	2	3	2	7
GCGD	0	1	1	2
SECTOR	0	0	5	5
total	12	12	12	36
VARIÁVEIS				
	TOP			TOTAL
	TOP 1	TOP 2	3	
GBCP	1	1	1	3
GTOTTA	6	0	0	6
GBES	1	3	1	5
GBPI	0	2	0	2
GCGD	0	1	1	2
SECTOR	0	1	5	6
total	8	8	8	24

Elaborado pelo próprio

Os grupos BCP e TOTTA são os registam um melhor desempenho económico-financeiro entre 2000 e 2003. O grupo TOTTA é o que apresenta maiores taxas de crescimento em 6 das 8 variáveis relevantes do sistema financeiro, liderando também em dois dos rácios de eficiência (RFC / Trabalhadores e Activo / Trabalhadores) e um de produtividade (Trabalhadores / Balcões). O grupo BCP apresenta também um bom desempenho em termos de produtividade, liderando no rácio Crédito / Trabalhadores e apresentando um índice muito próximo do líder no rácio Depósitos / Trabalhadores, para além de registar um bom desempenho no rácio RFC/Activo.

O desempenho global em 2000/03 do grupo BES, e até do GBPI, podem considerar-se satisfatórios, mas o grupo CGD regista índices de crescimento baixos e em muitos casos abaixo da média do sector, ou seja, apresenta fraco desempenho económico-financeiro.

No que respeita às variáveis relevantes do sistema bancário, os grupos CGD e BPI apresentam taxas de crescimento baixas e na maioria inferiores às médias do sector bancário.

De salientar ainda que a média do sector regista 5 rácios e 5 variáveis no top 3, bem como uma variável no top 2, o que reflecte que a generalidade dos bancos acompanha a tendência para a melhoria da eficiência do sector.

Para complementar a avaliação do desempenho dos principais grupos financeiros apresentam-se ainda outros indicadores de eficiência, de produtividade e de rentabilidade. Por outro lado, analisa-se a evolução dos custos com pessoal e comparam-se as variáveis endividamento (*Debt to Equity Ratio* igual a Passivo Total / Capital Próprio), custos financeiros e custo capital alheio (CMCA – Custo Médio do Capital Alheio), assim como a evolução dos impostos sobre lucros com a evolução dos proveitos e resultados líquidos entre 1992 e 2003. Todos os cálculos de suporte são apresentados no CD anexo ao trabalho no ficheiro “Grupos-Indicadores”.

Para além da avaliação do desempenho dos grupos financeiros comparativamente com o sector, pretende-se também verificar se a evolução destes grupos, após os processos de F&A, acompanhou as tendências e expectativas referidas na literatura da concentração bancária, que constituem algumas das motivações para a concentração, nomeadamente: o aumento da eficiência, produtividade e rentabilidade aproveitando as sinergias; a redução dos custos com pessoal e dos custos financeiros (e do custo do capital) e poupança fiscal.

Os indicadores de eficiência considerados nesta análise são o rácio Custos de Estrutura / Activo e a comparação das variações do activo e proveitos de exploração com as variações dos custos de exploração. Os indicadores de produtividade apresentados são os seguintes rácios: Custos com Pessoal / N° de Empregados, Activo / N° de Empregados e Produto Bancário / N° de Empregados. No que respeita à rentabilidade, foram considerados os rácios mais relevantes do sistema bancário para analisar este item: o ROE (*Return on Equity* = Resultados Líquidos / Capitais Próprios) e o ROA (*Return on Assets* = Resultados Líquidos / Activo). Para estes dois rácios serem mais rigorosos o ideal seria calcular o activo médio e o capital próprio médio para cada ano e para cada grupo financeiro, mas esses dados são muito difíceis de obter, de modo que optou-se pelos valores dos balanços consolidados.

QUADRO 49. VARIACÕES PERCENTUAIS MÉDIAS ANUAIS DOS INDICADORES FINANCEIROS DO SECTOR E DOS PRINCIPAIS GRUPOS FINANCEIROS NO PERÍODO 1992/2003

	GCGD	GBPSM (*)	GTOTTA (**)	GBES	GBPI	GBCP	SECTOR
Activo	10,5%	75,9%	10,3%	17,1 %	20,4%	34,7%	13,5%
Proveitos de Exploração	11,6%	81,7%	55,0%	17,3 %	14,5%	27,9%	8,3%
Custos de Exploração	11,4%	79,6%	64,4%	17,4 %	12,5%	25,9%	7,5%
Custos com Pessoal	15,8%	64,6%	1,7%	12,1 %	38,7%	30,1%	4,6%
Custos Financeiros	-15,7%	67,5%	37,3%	9,7%	34,5%	26,3%	1,9%
Impostos sobre lucros/Res. Líquidos	0,01%	298,4%	-0,6%	17,8 %	210,3%	3,3%	-4,6%
Impostos sobre lucros/Proveitos de Exploração	23,0%	385,8%	-40,5%	3,5%	175,2%	1,6%	-4,1%
CMCA	14,4%	-14,7%	23,4%	-6,3%	-3,9%	1,1%	-8,7%
Debt to Equity Ratio	25,2%	14,7%	-5,6%	13,7 %	3,2%	19,6%	-1,0%
ROE	-1,8%	17,9%	15,2%	29,5 %	10,3%	6,0%	-2,1%
ROA	43,6%	218,4%	20,8%	16,1 %	42,9%	-0,9%	1,6%
Custos com Pessoal / N° de Empregados	17,7%	23,5%	38,9%	18,2 %	27,7%	14,6%	6,1%
Activo / N° de Empregados	12,1%	35,1%	48,0%	23,4 %	17,9%	15,4%	14,6%
Produto Bancário / N° de Empregados	19,2%	30,7%	47,3%	26,9 %	33,0%	10,0%	7,8%
Custos Estrutura / Activo	29,7%	3,8%	-7,4%	-1,8%	38,1%	2,0%	-7,0%

(*) Período de 1992 a 1999 (**) Período de 2000 a 2003 Elaborado pelo próprio

O desfaseamento temporal entre os grupos BPSM e TOTTA, por um lado, e os restantes grupos financeiros cria algumas limitações nesta análise, mas havia que considerar a totalidade dos grupos existentes neste período, excepto os que foram absorvidos na primeira metade da década de 90.

A EFICIÊNCIA

Sendo o argumento da melhoria da eficiência operacional (e os ganhos adicionais daí resultantes) uma das principais razões invocadas *ex-ante* pelos gestores bancários para justificar as fusões e aquisições, importa verificar os factos *ex-post*.

Segundo Rhoades (1998), para avaliar a eficiência como uma das possíveis consequências das fusões bancárias, é importante distinguir entre as reduções de custos e as melhorias de eficiência, pois não são sinónimos. As diminuições de custos operativos podem resultar de reduções de pessoal, encerramento de sucursais, etc. No entanto, tais reduções de custos não implicam automaticamente melhorias de eficiência, uma vez que poderiam ser acompanhadas de uma redução de activos e de proveitos, representando simplesmente uma retracção da empresa em vez de um aumento da eficiência. Na opinião deste autor, o aumento da eficiência requer que os custos diminuam em maior proporção que os proveitos.

O que ocorreu na maioria dos principais grupos financeiros portugueses foi que a taxa de crescimento média anual dos custos de exploração foi ligeiramente inferior à taxa de crescimento média anual dos proveitos de exploração durante o período de 1992-2003. No entanto, no grupo BES os custos de exploração cresceram mais 0,1% que os proveitos e nos outros grupos financeiros a diferença entre as taxas médias de crescimento anual de proveitos e custos é pouco significativa: situa-se entre 0,2% e 2,1%.

No caso do grupo Totta / Santander regista até ineficiência a este nível, com os custos a crescerem anualmente mais 9,4% que os proveitos, embora só tenhamos registos dos últimos 4 anos. A média do sector financeiro regista a mesma tendência dos outros grupos financeiros neste período, com a taxa de crescimento média anual dos proveitos a aumentar mais 0,8% que os custos.

No que respeita à taxa de crescimento médio anual do Activo registam-se duas situações distintas nos grupos financeiros:

- Crescimento bastante superior (mais 5 a 7%) aos proveitos e custos de exploração (caso dos grupos BPI e BCP que acompanham também a tendência do sector financeiro, o que contraria a lógica da eficiência, segundo Rhoades, 1998);
- Crescimento inferior às taxas médias de acréscimo anual de custos e proveitos, no caso dos restantes grupos financeiros.

De assinalar que os acréscimos de proveitos e custos de exploração dos grupos financeiros registam valores bastante mais elevados que os da média sectorial.

Do que foi referido relativamente às taxas de crescimento médias do Activo e dos custos e proveitos de exploração dos principais grupos financeiros portugueses, conclui-se que relativamente à eficiência operativa destes grupos, na sequência das operações de fusão e aquisição que concretizaram, o seu nível de eficiência baixou no período em análise.

Um outro indicador que traduz, de certa forma, a eficiência da organização é o rácio Custos de Estrutura / Activo, que registou um decréscimo, em termos de variação média anual, no sector financeiro em geral e nos grupos BES e Totta / Santander. Os grupos CGD e BPI registaram um incremento elevado neste rácio e os grupos BCP e BPSM apresentaram também um acréscimo, mas pouco significativo.

A banca portuguesa soube aproveitar as vantagens da rápida e intensa difusão de novas tecnologias e sistemas de informação, tornando-se mais moderna e competitiva. No entanto, apesar da evolução tecnológica que se fez sentir e que, à partida, apresentaria um elevado potencial para a redução dos custos fixos, um dos principais problemas dos bancos, não se pode confirmar o incremento da eficiência dos grupos financeiros na sequência das operações de concentração. Conclui-se que a eficiência não aumentou após as fusões e aquisições.

A realização de algumas fusões e aquisições potenciou pouco ou nenhum valor, mas o mercado tem tendência a punir estas operações.

A PRODUTIVIDADE

Os indicadores de produtividade – Custos com Pessoal / N° de Empregados, Activo / N° de Empregados e Produto Bancário / N° de Empregados – registaram acréscimos anuais significativos neste período. Ficou confirmado que a concentração bancária em Portugal conduziu a acréscimos significativos de produtividade.

A RENTABILIDADE (ROE e ROA)

A rentabilidade dos capitais próprios (ROE) sofreu um incremento considerável neste período nos grupos financeiros, excepto no GCGD que registou um ligeiro decréscimo, acompanhando a evolução do sector financeiro.

A rentabilidade do Activo (ROA) aumentou bastante nos últimos 12 anos nos grupos financeiros, excepto no grupo BCP.

OS CUSTOS COM PESSOAL

Quanto aos custos com pessoal, apesar dos elevados despedimentos que ocorreram no sector financeiro, sofreram acréscimos significativos, e até superiores às taxas de incremento dos proveitos e custos de exploração nos casos dos grupos BCP, BPI e CGD; nos grupos BPI e CGD a taxa de crescimento média anual dos custos com pessoal ultrapassou a taxa de incremento média anual do Activo.

Nos restantes grupos financeiros (BES, Totta / Santander e BPSM) a evolução dos custos com pessoal acompanhou a média do sector com uma taxa inferior à taxa de crescimento do Activo e dos proveitos de exploração.

Não se registou em nenhum grupo financeiro uma redução de custos com pessoal devido a efeitos sinérgicos ou melhorias de eficiência, embora o número de trabalhadores por balcão tivesse baixado significativamente. Esta evolução dos custos com pessoal contraria também eventuais sinergias subjacentes à realização de operações de concentração e que estão na base das motivações dos gestores que as promovem. Como limitação desta análise, pode-se referir que os valores apresentados não foram deflacionados, embora também não tenham sido deflacionados os custos e os proveitos, rubricas com os quais foram comparados, nem as rubricas do activo e do passivo.

OS IMPOSTOS SOBRE LUCROS

No que respeita aos impostos sobre os lucros, regista-se a nível sectorial uma redução do seu peso (em termos de variação média anual) nos proveitos de exploração e nos resultados líquidos. No entanto, na generalidade dos grupos financeiros não se detectam benefícios fiscais obtidos neste período, resultantes da redução de impostos a pagar; regista-se, pelo contrário, um incremento do peso dos impostos nos resultados líquidos e nos proveitos.

A única excepção é o grupo Totta / Santander onde ocorreu um decréscimo percentual dos impostos sobre lucros. Há também a assinalar o grupo BCP em que o incremento percentual

dos impostos foi reduzido (3,3% e 1,6%) e o grupo CGD com um acréscimo médio anual de 0,01% no peso dos impostos nos resultados líquidos.

Não se pode, portanto, concluir que a concentração bancária incrementa as economias fiscais.

O ENDIVIDAMENTO, CUSTOS FINANCEIROS E CUSTO DO CAPITAL ALHEIO

O endividamento, que a nível sectorial tende a decrescer ligeiramente, sofre um significativo incremento em todos os grupos financeiros, excepto no grupo Totta / Santander, embora o incremento no grupo GPI seja reduzido. Este incremento das dívidas dos grupos financeiros implica uma redução da capacidade de endividamento o que contraria as teorias da concentração bancária a nível das sinergias financeiras.

Em relação aos custos financeiros, apenas o grupo CGD apresentou uma significativa redução em termos médios anuais. Todos os outros grupos registaram incrementos significativos nos encargos financeiros suportados com o crédito a uma taxa superior à média sectorial, o que contraria a hipótese de os grandes conglomerados financeiros verem reduzidos os custos financeiros devido ao acesso mais facilitado ao mercado de capitais.

Em relação ao custo médio do capital alheio, a tendência do sector financeiro nos últimos 12 anos foi no sentido de uma redução média anual de 8,7%, mas só 3 grupos financeiros acompanharam esta descida (GBPSM, GBES e GBPI); os restantes grupos financeiros apresentaram um acréscimo no custo do capital alheio, embora o GBCP tenha apresentado um reduzido aumento (1,1%). Não se pode, portanto, concluir que a concentração bancária conduz a uma redução do custo médio do capital alheio.

5.3 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Para além do período relativamente curto em que a avaliação é feita e à proximidade da ocorrência das operações de concentração, cujos efeitos só são visíveis a longo prazo (embora a eventualidade de ocorrência de mais operações venha a complicar ainda mais as análises posteriores), há que sublinhar outras limitações:

- Os dados anteriores à concentração poderão estar já deturpados com vista à preparação económico-financeira das operações de concentração, para além das manipulações das contas que são praticadas pelas empresas no final do exercício económico;
- Ao se analisarem os efeitos da concentração bancária, não se entra em linha de conta com uma estimativa da evolução das instituições na hipótese de não se verificarem concentrações;
- Existem grandes diferenças de cotação dos títulos nos vários mercados bolsistas, de modo que a sua evolução não pode ser considerada na análise dos efeitos da concentração bancária;
- Utilização de dados contabilísticos baseados em custos históricos;
- Possibilidade de manipulação dos elementos contabilísticos a nível de:
 - . Políticas de amortizações e provisões
 - . Critérios de valorização das existências
 - . Diferimentos de custos e proveitos
- Existência de transacções intra-grupo que criam dificuldades na avaliação dos efeitos da concentração;
- O Plano de Contas do Sistema Bancário só foi adoptado em 1990 e as Contas Consolidadas só começaram a ser elaboradas em 1992, o que implica «problemas inultrapassáveis de comparabilidade estatística» (Barata, 1995);
- Não coincidência do universo das instituições considerado em cada ano.

Papelu e Ruback (1992, pp.136) reconhecem que os dados contabilísticos são medidas imperfeitas da *performance* económica e podem afectar as decisões da gestão, pelo que utilizam algumas variações para mitigar possíveis erros da utilização de dados contabilísticos.

Para Opler e Weston (1993) os dados contabilísticos são susceptíveis de manipulação, não podendo apresentar-se como medida directa dos ganhos resultantes da realização das operações de fusão e aquisição.

Considerando as limitações apontadas, tem que se aceitar com alguma reserva os resultados obtidos e as conclusões. Há que reconhecer que poderão ser provisórias e não conclusivas. Estas considerações apontam, portanto, para eventuais dúvidas quanto a uma satisfatória compreensão do fenómeno complexo que é a concentração bancária, apesar de vários analistas se terem debruçado sobre este tema e a terem analisado sob várias perspectivas.

6. CONCLUSÕES

As medidas estatísticas de concentração calculadas apontam para um aumento significativo do grau de concentração bancária na década de 90 para as variáveis analisadas e para todos os índices, à excepção do índice R5-10, uma vez que a concentração bancária foi feita em grande medida pelos 5 maiores grupos financeiros.

Apesar do crescimento geral do nível de concentração bancária na década de 90, verificam-se algumas oscilações pontuais com avanços e recuos em determinados anos. Os valores de concentração mais elevados são atingidos pela maioria dos índices em 1999 (e nalguns casos em 1995 e 1996), no que se refere ao Activo e Créditos sobre Clientes, com excepção do índice Ce, o que aponta para um grau de concentração máximo em 1990.

Na generalidade dos índices, a concentração é mais elevada a nível da variável Recursos Captados, aproximando-se os índices de concentração do Activo aos do Crédito sobre Clientes. No entanto, as taxas de crescimento médio anual neste período são mais elevadas nestas duas variáveis.

A concentração bancária tende a reduzir-se ligeiramente de 2000 a 2003, o que reflecte um aumento das quotas de mercado dos pequenos bancos.

Da análise da evolução dos principais grupos financeiros conclui-se que o grupo BCP se destaca dos outros grupos financeiros na década de 90, apresentando indicadores de estrutura e de eficiência, em geral, mais elevados, logo seguido do grupo BES que se destaca pelo bom desempenho em termos de produtividade. No entanto, esta análise não permite tirar conclusões definitivas sobre o sucesso das operações de concentração, uma vez que a generalidade dos indicadores sofrem um incremento após as fusões e aquisições (caso dos grupos BCP, BPSM e BPI) e rapidamente oscilam para índices bastante mais baixos e até, em alguns casos, inferiores à média do sector bancário.

Na maioria dos rácios e variáveis relevantes do sistema financeiro calculadas, o incremento médio dos grupos financeiros foi superior ao do sector de 1992 para 2003, embora em alguns rácios tenha sido ligeiramente inferior. Desta análise poder-se-ia concluir que os grupos

financeiros tiveram, na generalidade, uma boa *performance* pós - fusões e aquisições. Mas por outro lado, quando se efectua uma análise idêntica para cada um dos grupos financeiros conclui-se que enquanto os grupos BCP e BES registaram uma evolução bastante favorável, nos casos dos grupos BPI e CGD o desempenho não é satisfatório. Estes grupos perderam quotas de mercado ao longo do período em análise e apresentaram indicadores de desempenho fracos e nalguns casos inferiores à média sectorial.

As economias de escala e de gama, que constituíam, à partida, objectivos estratégicos a atingir pelos conglomerados financeiros e que influenciaram as concentrações, não podem ser confirmadas nesta análise. No entanto, a ocorrerem essas sinergias elas teriam, certamente, reflexos num maior desempenho económico-financeiro de todos grupos financeiros.

Apesar da evolução tecnológica que se fez sentir e que, à partida, apresentaria um elevado potencial para a redução dos custos fixos, um dos principais problemas dos bancos, não se pode confirmar o incremento da eficiência dos grupos financeiros na sequência das operações de concentração. Aliás, comparando os incrementos de proveitos e custos de exploração e do Activo dos grupos financeiros e do sector entre 1992 e 2003 conclui-se que a eficiência não aumentou após as fusões e aquisições.

Embora o número de trabalhadores por balcão tenha baixado significativamente nos grupos financeiros, não se registou uma redução dos custos com pessoal, como seria de esperar.

Não se pode concluir que a concentração bancária contribua para o incremento das economias fiscais.

A nível da produtividade e da rentabilidade os grupos financeiros registaram incrementos significativos após as fusões e aquisições.

Verificou-se um incremento do endividamento nos grupos financeiros, apesar de no sector tender a decrescer, com o conseqüente aumento dos encargos financeiros. Também não se pode concluir que a concentração bancária conduza a uma redução do custo médio do capital alheio.

Como pistas para futuras investigações, seria interessante para complementar este trabalho analisar as eventuais sinergias ocorridas na banca durante a década de 90, principalmente as economias de escala e as economias de gama, e a sua influência na eficiência no sistema financeiro.

7. BIBLIOGRAFIA

- Acin, J.A. (1994), " El Proceso de Concentracion de Bancos y Cajas de Ahorros en España", *Papeles de Economía Española*, 1994, nº 58, pag.88-104.
- Allen, F. e D. Gale (2000), " Financial Contagion ", *Journal of Political Economy*, 108, pp. 1-33.
- Almeida, A. (1994), " As Privatizações e a Banca 90/99 ", *Visão Estratégica*, pp. 14-18.
- Almeida, A. (1994), " Economias de Escala e de Gama na Banca Comercial Portuguesa ", 3º *Encontro Nacional de Economia Industrial*, Porto, 1994.
- Antunes, P. E. (1999), " Concentração Bancária ", *Inforbanca*, Nº 41, Abril – Junho, Instituto de Formação Bancária.
- Barata J.M. (1993), " O Sector Bancário em Portugal: Evolução e Análise Estratégica (1986 - 1992) ", *Revista da Banca*, nº 33, pp. 17-59.
- Barata, J. M. (1995), *Inovação nos Serviços: Sistemas e Tecnologias de Informação e Competitividade no Sector Bancário em Portugal*, Tese de Doutoramento, ISEG.
- Barros, J. e M. Júnior (1997), " Análise do Ajuste do Sistema Financeiro no Brasil ", Brasília, *Política Comparada*, Maio – Agosto 1997, ano I, Vol. I, nº 2, pp. 112.
- Barros, P.P. (1994), " Multimarket Competition in Banking, With Application to Portugal ", *Working Paper nº 215*, Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.
- Barros, P.P. (1995), " Post-Entry Expansion in Banking – The Case of Portugal ", *Working Paper nº 242*, Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.
- Barros, P.P. e A. N. Leite (1994), " Conduct and Competition in Portuguese. Comercial Banking ", 3º *Encontro Nacional de Economia Industrial*, Porto.
- Barros, P.P. e P.S. Pinho (1995), " Uma Análise de Sobrevivência " em *Estudos sobre o Sistema Bancário Português*, Edição Banco Mello, pp. 7-28.
- Beleza, M. (1999), " Sistema Financeiro Português: a Consolidação? ", *Anuário da Economia Portuguesa – 1999*, pag.108-110.
- Belaisch, A., L. Kodres, J. Levy, et al. (2001), "Euro-area banking at the crossroad", *IMF Working Paper*, WP 01/28.
- Benston, G. W. Hunter e L. Wall (1995), " Motivations for Banks Merger and Acquisitions: Enhancing the Deposit Insurance Put Options Versus Earning Diversifications ", *Journal of Money Credit Banking*, Vol. 27, nº 3.
- Bento, P. (1998), *Concentração Bancária*, Dissertação para obtenção do grau de mestre, ISCTE, Lisboa.

Berger, A. N., (1995), " The Profit –Structure Relationships in Banking – Tests of Market-Power and Efficient-Structure Hypothesis ", *Journal of Money, Credit and Banking*, vol. 27, pp. 404-431.

Berger, A. N., (1999), " What Explains the Dramatic Changes in Cost and Profit Performance of the U.S. Banking Industry? ", *Policy Paper*, Board of Governors of the Federal Reserve System.

Berger, A.N. e D.B. Humphrey (1991), " The Dominance of Inefficiencies Over Scale and Product Mix Economies in Banking ", *Journal of Monetary Economics*, 28, pp.117-148.

Berger, A.N., G.A. Hanweck e D.B. Humphrey (1987), " Comparative Viability in Banking. Scale, Scope and Product Mix Economies ", *Journal of Monetary Economics*, 20, pp. 500-520.

Berger, A.N., Hannan, H. Timoty (1989), " The Price. Concentration Relationship in Banking ", *Review of Economics and Statistics*, 71, pp.291-299.

Berger, A. N., W. Hunter e T. Stephen, (1993), " The Efficiency of Financial Institutions: A Review and Preview of Research Past, Present and Future ", *Journal of Banking and Finance*, April 1993, pp. 221-250.

Berger, A. N., A. Kayap e J. Scalise (1995), " The Transformation of the US Banking Industry: What a Long, Strange Trip it's Been ", *Brooking Paper on Economic Activity*, V.2, pp.55-218.

Berger, A.N. e D.B. Humphrey (1992), " Megamergers in Banking and the Use of Cost Efficiency as an Antitrust Defense ", *Antitrust Bulletin* 37, pp. 541-600.

Berger, A.N. e D.B. Humphrey (1997), " Efficiency of Financial Institutions: International Survey and Direccions for Future Research ", *European Journal of Operational Research*, 98, pp.175-212.

Berger, A., R. Demsetz e P. Strahan (1999), " The Consolidation of The Financial Services Industry: Causes, Consequences and Implications for the Future ", *Journal of Banking & Finance*, Vol. 23, pp. 135-194.

Berger, A., R. DeYoung, H. Genay e G. Udell (2000), " Efficiency Barriers to Consolidation of European Financial Services Industry ", *European Financial Management*, 7(1), March, pp. 117-130.

Berger, A., R. DeYoung, H.Genay e G. Udell (2001), " Globalization of Financial Institutions: Evidence from Cross-Border Banking Performance ", *Brookings-Wharton Papers on Financial Service*, Vol. 3.

Berger, A.N., A. Saunders, J. Scalise e G. Udell (1998), " The Effects of Bank Mergers and Acquisitions on Small Business Lending ", *Journal of Financial Economics*, 50, pp. 187-229.

Bikker, J. e K. Haaf (2002), " Competition, Concentration and their Relationship: An Empirical Analysis of the Banking Industry ", *Journal of Banking and Finance*, 26, pp. 2191-2214.

Blommestein, H.J. (1995), " Structural Changes in Financial Markets: Overview of Trends and Prospects ", in *The New Financial Landscape: Forces Shaping the Revolution in banking, Risk Management and Capital Markets*, pp. 49- 95, OECD.

Boissieu, C. (1986), " Quelques Reflexions sur l'Analyse Economique des Innovations Financières ", *Economie Appliquée*, 34(3), pp.58-239.

Borges, M. (1994), *O Sector Bancário Português: Evolução Recente, Grupos Estratégicos e Perspectivas Futuras*, Tese de Mestrado, UTL – ISEG, Lisboa.

Burdisso, T e L. D’Amato (1999), ” Prudencial Regulations, Restructuring and Competition: The Case of the Argentine Banking Industry ”, *Banco Central da República de Argentina*.

Brynjolfsson, E. e L. Hitt, (1998), ” Beyond the Productivity Paradox ”, *Communication of the ACM*, 41, 8 August 1998.

Canals, J. (1997), *Universal Banking – International Comparisons and Theoretical Perspectives*, Oxford: Clarendon Press.

Canhoto, A. (1996), *Technical Efficiency in Portuguese Banking Sector: a Non – Parametric Approach*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

Canhoto, A. (1999), *Efficiency and Competition in Portuguese Banking: an Empirical Investigation*, Tese de Doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais, Lisboa.

Canhoto, A. e J. Dermine (2000), *A Non-Parametric Evaluation of Bank Efficiency in Portugal – New vs Old Banks*, Universidade Católica Portuguesa.

Capron, L. (2000), *Aquisições Horizontais : Benefícios e Riscos*, O Domínio da Estratégia, Diário Económico / Financial Times (editores), nº9, pp. 141-144.

Carmoy, H. (1990), *Global Banking Strategy – Financial Markets and Industry Decay*, Cambridge: Basil Blackwell.

Carrasco, J.C. (1996), *Concentración del Sistema Bancario Español en el Periodo 1980-1995* Madrid, Banco de España.

Casu, B.e C, Girardone (2001), *Efficiency of Large Banks in the Single European Market*, Middlesex University Business School.

Clark, J. A. (1988), ” Economies of Scale and Scope at the Depository Financial Institutions: a Review of the Literature ”, *Economic Review*, Federal Reserve, Bank of Kansas City, pp. 16-33.

Clarke, G., R. Cull, L. D’Amato e A. Molinari (1999), ” The Effect of Foreign Entry on Argentina’s Domestic Banking Sector ”, Washington, D.C.: *World Bank Policy Research Working Paper*, n. 2158.

Comissão Europeia (2000), ” Economic Growth in the EU: Is a New Pattern Emerging? ”, *European Economy*, nº 71, November, pp. 91-154.

Cook, W.P. (1987), ” Centros Financeiros Internacionais – as Autoridades Perante a Desregulamentação e a Supervisão ”, *Revista da Banca*, Associação Portuguesa de Bancos.

Copeland, T., T. Coller e J. Murrin (1995), *Valuation: Measuring and Managing the Value of Companies*, John Wiley.

Dale, R. (1996), *Risk and Regulation in Global Securities Markets*, New York: John Wiley & Sons.

- Davenport, T.H. (1998), *Ecologia da Informação: Porque Só a Tecnologia Não Basta Para o Sucesso na Era da Informação*, São Paulo, Futura.
- Davenport, T.H. e Prusak, L.(1998), *Conhecimento Empresarial: Como as Empresas Gerenciam o Seu Capital Intelectual*, Rio de Janeiro: Campus
- DeLong, G.L. (2001), "Stockholder Gains from Focusing Versus Diversifying Bank Mergers", *Journal of Financial Economics*, 59, pp. 221-252.
- Dermine, J. (1999), " A Actividade Bancária e o Euro. Algumas Questões Estratégicas ", Instituto de Formação Bancária, Portugal.
- Dermine, J. (1999), " The Economics of Bank Mergers in European Union, a Review of the Public Policy Issues ", *INSEAD*, May.
- Dermine, J. (2002), " European Banking: Past, Present and Future ", *Paper presented at the Second Central Banking Conference ECB*, PP. 24-25, October.
- Deveraj, S. e R. Kohli (2000), " Information Technology Payoff in the Health-Care Industry: a Longitudinal Study ", *Journal of Management Information Systems*, Vol. 16, nº 4, Spring 2000.
- Diamond, D. (1991), " Monitoring and Reputation: the Choice Between Banks Loan and Directly Placed Debt ", *Journal of Political Economy*, 97, pp. 828-862.
- Diamond, D. (1997), " Liquidity Banks and Markets ", *Journal of Political Economy*, 105, pp. 928-956.
- Diamond, D. e R. Rajan (2000), " A Theory of Bank Capital ", *Journal of Finance*, 55, pp. 2431-2465.
- Diamond, D. e R. Rajan (2001), " Liquidity Risk, Liquidity Creation and Financial Fragility, a Theory of Banking ", *Journal of Political Economy*, 109, pp.287-327.
- Drucker, P. (1995), " The Information Executives Truly Needs ", *Harvard Business Review*, Vol.73, issue 1, pp.54-63, Jan. 95.
- Drucker, P. (1998), " The Discipline of Innovation ", *Harvard Business Review*, Vol.76, issue 6, pp. 149-156, Nov./Dec.98.
- Edwards, F.R. e F.S. Mishkin (1995), " The Decline of Traditional Banking: Implications for Financial Stability and Regulatory Policy ", *Economic Policy Review*, Federal Reserve Bank of New York, issue, pp. 27-45.
- Fama, E.F. (1980), " Agency Problems and the Theory of Firm ", *Journal of Political Economy*, Chicago: University of Chicago, V.8, Nº 2, pp. 288-307, April.
- Ferreira, J.P. (1993), *Os Bancos e a Concorrência*, Lisboa, Direcção-Geral de Concorrência e Preços.
- Firth, M. (1980), " Takeovers Shareholders Returns, and the Theory of Firm ", *The Quarterly Review of Economics and Finance*, Campaign: University of Illinois, V. 94, Nº 2, pp. 235-260, Mar.
- Fluck, Z. e A. Lynch (1998), " Why Do Firms Merge and Then Divest: a Theory of Financial Synergy", October 8, *Working Paper Series 1998*, New York University.

- GAFEEP, Gabinete para a Análise do Financiamento do Estado e das Empresas Públicas, (1995) "Reforço da Eficiência da Economia Nacional e da Estrutura Empresarial ", in *Privatizações em Portugal uma Reforma Estrutural*, Lisboa, Ministério das Finanças, pp. 165-216.
- Gardener, E. (1988), " Structural and Strategic Consequences of Financial Conglomeration ", *Research Papers in Banking and Finance*, Bangor, Institute of European Finance, pp.22.
- Gardener, E. (1995), " The Future of Tradicional Banking ", Institute of European Finance, University of Wales, Bangor; Documento apresentado na *Conferência Anual da European Association of University Teachers on Banking and Finance*, Alicante.
- Gardener, E., B. Howeroft e J. Williams (1999), " The New Retail Banking Revolution ", *The Service Industries Journal*, 19(2), pp.83-100.
- Ghemawat, (2000), *A Estratégia e os Cenários de Negócios*, Bookman, Porto Alegre.
- Ghemawat, (2002), " Estamos a Assistir ao Triunfo da Esperança Sobre a Experiência ", *Semanário Económico*, 8 de Fevereiro.
- Goldberg, L. G. e A. Rai (1996), " The Structure Performance Relationship for European Banking ", *Journal of Banking and Finance*, nº 20, pp. 745-771.
- Goldberg, L. G., B. G. Dages e D. Kinney (2000), " Foreign and Domestic Bank Participation in Emerging Markets ": lessons from *Mexico and Argentina National Bureau of Economic Research*, NBER Working Papers, n. 7714.
- Gonçalves, J. (1999), " O Problema da Dimensão das Instituições Financeiras ", *Anuário da Economia Portuguesa - 1999*, pp. 113-118.
- Gonçalves, J., (2000), " O Passado e o Futuro do Grupo BCP ", *Revista Inforbanca* nº 45, pp. 11-16.
- Gort, M. (1969), " An Economic Disturbance Theory of Mergers ", *The Quarterly Journal of Economics*, [S.l.: s.n.] V. 83, Nº 4, pp. 624-642, November.
- Granado, J. (1994), "O Negócio Financeiro e a Evolução das T.I.", *Revista da Banca*, nº 31, Julho / Setembro, pp.47-63.
- Grover, V. e T.H. Davenport (2001), " General Perspective on Knowlwdge Management: Fostering a Research ", *Journal of Management Information Systems*, Vol. 18, issue 1, pp.5-22, Summer 2001.
- Group of Ten (2001), " Report on Consolidation in the Financial Sector ", *Bank for International Settlements*.
- Group of Thirty (1993), *Derivatives: Pratices and Principles*. *Global Derivatives Study Group*, New York.
- Hall, M. e N. Tideman (1967), " Measures of Concentration ", *Journal of American Statistical Association*, Vol.62, pp. 179-198.
- Healey, P, K. Papelu e R. Rubak (1992), "Does Corporate Performance Improve after Mergers? *Journal of Finantial Economics*, 31, pp. 135-175.

- Herfindhal, O.C. (1950), *Concentration in U.S. Steel Industry*, Columbia University, unpublished doctoral thesis.
- Hirschman, Albert (1964), "The Paternity of an Index", *American Economic Review*, Vol.5
- Hitt, L. e E. Brynjolfsson (1993), "Paradox Cost? Firm – Level Evidence of Hight Returns to Information Systems Spending ", *Management Science*, April 1993.
- Hitt, L. e E. Brynjolfsson (1994), "Creating Value and Destroying Profits? Tree Measures of Information Technology's Contributions ", *Proceedings of Fifteenth International Conference on Information Systems*, [http //ccs.mit.edu/ccswp183.html](http://ccs.mit.edu/ccswp183.html).
- Ho, T.S.Y. e A. Saunders (1981), "The Determinants of Bank Interest Margins: Theory and Empirical Evidence ", *Journal of Financial and Quantitative Analysis*, Vol. 16, pp. 581-600.
- Holmstrom, B. E J. Roberts (1998), "The Boundaries of Firm Revisited ", *Journal of Economics Perspectives*, 12, 4, 73-79.
- Hubbard, R.G. e D. Palia (1999), "A Reexamination of the Conglomerate Merger Wave in the 1960s: An Internal Capital Markets View ", *Journal of Finance*, 54, pp.1131-1152.
- Jacquemin, A. (1984), *Economia Industrial Europeia*, Biblioteca de Estudos Económicos, 1ª Edição, Lisboa, Edições 70, pp. 384.
- Jacquemin, A. (1990), "Horizontal Concentration and European Merger Policy ", *European Economic Review*, Holland, Elsevier Science Publication B.V., nº 34, Maio, pp.530-50.
- Jacquemin, A. (1993), "The International Dimension of European Competition Policy ", *Journal of Common Market Studies*, 31, pp. 91-101.
- Jarrel, K.A., R.C. Dietrich e P.S. Perlman (1988), "The Market for Corporate Control: The Empirical Evidence Since 1980 ", *Journal of Economic Perspectives*, 2, pp. 49-68.
- Jensen, M.C. e W. Meckling (1976), "Theory of the Firm: Managerial Behaviour, Agency Cost and Ownership Structure ", *Journal of Finance Economic*, pp. 305-360.
- Jensen, M.C. (1986), "Agency Costs of Free Cash Flow, Corporate Financ and Take-Over ", *American Economic Review*, Nashville: American Economic Association, V.76, Nº 2, pp. 323-329, May.
- Jensen, M.C. (1988), "Takeovers: Their Causes and Consequences ", *Journal of Economic Perspectives*, 2, pp. 21-48.
- Karnani, A. (2000), "Generic Competitive Strategies: An Analytical Strategies Approach", *Strategic Management Journal*, 5 (4), pp. 280-367.
- Kim, E.H. e V. Singal (1993), "Mergers and Market Power: Evidence from the Airline Industry ", *American Economic Review*, Vol. 83, nº 3, pp. 549-569.
- Kock, T. e McDonald, S. (2000), "Bank Management, 4 th edition, Bank Mergers and Acquisitions – Chapter 22, Harcourt, Inc.
- Koguchi, K. (1993), "La Formacion de Conglomerats Financiers ", *OECD Publications*, Paris, OCDE, pp. 7-68.

- Koguchi, K. (1993), " Les Conglomerats Financiers ", *L'Observateur de l'OCDE*, Paris, OCDE, N° 183, Agosto/Setembro, pp. 18-21.
- Kovacevic, A. e N. Majluf (1983), " Six Stages of IT Strategy Management ", *Sloan Management Review*, Vol. 34, n° 4, pp. 77-87.
- Kroszner, R. S.(2000), " The Economics and Politics of Financial Modernization ", *FRBNY Economic Policy Review*, pp. 25-37 Outubro.
- Lambert, T, J. Le Cacheux, e A. Mahuet, (1997), " L'Épidemie de Crises Bancaires dans les Pays de l'OCDE ", *Revue de l'OFCE – Observations et Diagnostics Économiques*, Paris, n° 61, Abril, pp. 93-138.
- Leite, A.N. (1996), " Concentração Bancária – um Comentário ", *Ciclo de Conferências: O Sistema Financeiro Português - 1996*, Universidade Autónoma de Lisboa, pp. 6.
- Leite, A.N. e A. Mexia, (1992), " The Pattern of Banking Liberalization in Portugal : 1984-1990 ", *Working Paper n° 187*, Universidade Nova de Lisboa.
- Levine, R. (1996), *Foreign Banks, Financial Development, and Economic Growth*, in Claude, E. B. (Ed.), *International Financial Markets*, AEI Press, Washington, DC.
- Levine, R. (1997), " Financial Development and Economic Growth: Views and Agenda ", *Journal of Economic Literature*, v. 35, n. 2, pp. 688-726, June 1997.
- Levine, R. (2000), " Bank Concentration: Chile and International Comparisons ", *Banco Central de Chile, Documento de Trabajo N° 62*, Enero 2000.
- Levine, R. (2000), " Bank-Based or Market-Based Financial Systems: Which Is Better? ", *Mimeo University of Minnesota*
- Lopes, C. (2000), " A Concentração no Sector Bancário Português na Década de 90: os Efeitos Sobre a Eficiência ", Tese de mestrado da Faculdade de Economia da Universidade do Porto.
- Lopes, J.S. (1996), " Políticas Económicas, 1960/1995 ", *Cadernos do Público, Jornal Público*, pp. 72.
- Manne, H.G. (1965), " Mergers and Markets for Corporate Control ", *Journal of Political Economy*, Chicago: University of Chicago, V. 3, N° 2, pp. 110-120, April.
- Marion, F. (1996), " Banques Americaines: Concentration Acelere ", *Banque n° 571*, Juin, pp. 62-65.
- Marois, B. (1999), " L'Avenir du Secteur Bancaire Européen ", *Banquemagazine n° 608*, Novembre.
- Martin, F. (1995), " Concurrence Bancaire, Jeux Séquenciels et Informations Incomplètes ", *Revue Économique*, Vol. 46, n°2, pp. 301-324.
- Maselli, J. (2000), " Banks Face Big IT Demands ", *InformationWeek. Com*, September 2000.
- Matos, P. V. (1994), *Fusões & Aquisições: Tipos, Motivações e Efeitos. Uma Aplicação ao Caso da Fusão da FPVA com a Cerexport*, Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Gestão de Empresas, Lisboa, UNL – Faculdade de Economia, pp. 237.

- Mayer, C. e I. Alexander (1990), " Banks and Securities Market Corporate Financing in Germany and United Kingdom ", *Journal of the Japanese and International Economies*, 4, pp. 450-475.
- McFarlan, F.W. (1982), " Portfolio Approach To Information Systems ", *Harvard Business Review* 59, 5, September – October, pp. 142-150.
- McFarlan, F.W. (1984), " Information Technology Changes The Way You Compute ", *Harvard Business Review*, May-June, pp. 98-103.
- McFarlan, F.W., J.L. McKenney e P. Pyburn (1982), " The Information Archipelago – Plotting a Course ", *Harvard Business Review* 61, 1, Jan.-Febr., pp. 145-155.
- Mendes, V.(1990), *The Portuguese Banking Industry in 1965-88. Analysis of Scale and Scope Economies*, Tese de Doutoramento, Universidade de Carolina do Sul.
- Mendes, V. (1991), " Scale and Scope Economies in Portugal Comercial Banking: The Years 1965-88 ", *Economia*, 15, 3, 1991 pp. 453-490.
- Mendes, V. (1994), " Eficiência Produtiva no Sector Bancário Português: Aplicação do Método DEA aos Anos 1990-92 ", *Working Paper*, 3^o Encontro de Economia Industrial, Porto.
- Mendes, V. e J. Rebelo (1997), "Progresso Tecnológico no Sector Bancário Português: 1990-1995", *Revista da Banca*, 42, pp. 5-22.
- Mendes, V. e J. Rebelo (1999), "Productive Efficiency, Technological Change and Productivity in the Portuguese Banking Industry: The Years 1990-1995", *Applied Financial Economics* 9, 523-521.
- Mercier, P. (2000), " E-Business – Passer d'un Concept à une Realité ", *Banquemagazine* n^o 615, Junho 2000, pp.48.
- Meyers, S. C. e N. S. Majluf (1984), " Corporate Financing and Investment Decisions When Firms Have Informations Investors Do Not Have ", *Journal of Finance Economics*, 13, pp. 187-222, Junho 1984.
- Mishkin, F. S. (2004), " Central Bank Transparency So Too Far? ", *RBA Annual Conference Volume 2004-04 Reserve Bank Australia, NBER Working Papers 10829, National Bureau of Economic Research, Inc.*
- Morck, R. e B. Young (2000), " *Quando as Sinergias Criam Valor Real* ", O Domínio da Estratégia, Diário Económico / Financial Times (editores) n^o 9, pp. 137-140.
- Mueller, D.C. (1969), " A Theory of Coglomerate Mergers ", *Quarterly Journal of Economics*, [S.l.: s.n.], V. 83, N^o 4, pp. 643-660, November.
- Mueller, D.C. (1986), *Profits in Long Run*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Muldur, U.(2001), " Is Capital Optimaly Allocated in the Overall Process of European Innovation? ", *Revue D'Economie Industrielle*, N^o 94, pp.115-153.
- Muldur, U. e M. Sassenou (1989), " *Structure des Côuts et Efficacité des Banques Françaises* ", *Analyse Financière*, 4 iéme trimestre, pp. 46-59.

- Nolan, R. (1973), "Managing Computer Resource: a Stage Hypothesis", *Communication of the ACM*, Vol. 16, nº 7, pp. 399-405.
- Nolan, R. e D. Croson (1995), *Creative Destruction*, Bóston: Harvard Business Press.
- Noyer, C. (2000), "The Euro and Banking Sector", *European Center for Financial Services*.
- OECD – Organization for Economic Co-Operation and Development (2002), *The Measurement of Scientific and Technological Activities*, Manual de Frascati.
- Osório, A.H., (2000), "A Dimensão do Sistema Financeiro Português", *Anuário da Economia Portuguesa - 2000*, pag.123 – 128.
- Pinho, P.S. (1994), *Essays on Banking*, Tese de Doutoramento, City University Business School.
- Pinho, P. S. (1995), "Uma Análise das Tendências Actuais da Banca Europeia", *Revista da Banca*, Associação Portuguesa de Bancos, Abril / Junho, pp. 5-24.
- Pinho, P.S. (1995), "Economias de Escala e Eficiência Produtiva na Banca Portuguesa: uma Revisão de Literatura", em *Estudos sobre o Sistema Bancário Português*, Edição Banco Mello, pp.33-51.
- Porter, M. E. e E. Millar (1985), *Vantagem Competitiva – Criando e Sustentando um Desempenho Superior*, Editora Campus, Lda, tradução de Elisabeth Maria Pinho Braga, Rio de Janeiro.
- Porter, M. E. e E. Millar (2000), "How Information Gives You Competitive Advantage", *Journal of Finance*, Harvard.
- Prahalad, C. E G. Hamel (1990), "The Core Competenc of Corporation", *Harvard Business Review* (May-June), pp. 79-81
- Ravenscraft, D. J. e F.M. Scherer (1987-a), *Mergers, Sell-Offs and Economic Efficiency*, Washington DC: The Brookings Institution.
- Ravenscraft, D. J. e F.M. Scherer (1987-b), "Life After Take-Over", *Journal of Industrial Economics*, 36, pp. 147-156.
- Ravenscraft, D. J. e F.M. Scherer (1989), "The Profitability of Mergers", *International Journal of Industrial Organization*, 7, pp. 117-131.
- Rebelo, J. e V. Mendes (2000), *Malquist Indices of Productivity Change in Portuguese Banking: The Deregulation Period*, mimeo, FEP / UTAD, Março 2000.
- Relatório da OCDE de 1999, *OECD Economics Surveys: Portugal*.
- Revel, J.R. (1987), "Tamaño y Papel de los Grandes Bancos", *Boletim de Estudios Económicos*, 42, 132, pp. 553-559.
- Rhoades, S. (1994), "A Summary of Merger Performance Studies in Banking, 1980-1993, and an Assessment of the Operating Performance and Event Studies Methodologies", Federal Reserve Board, *Staff Study 167*.

Rhoades, S. (1998), " The Efficiency Effects of Bank Mergers: An Overview of Case Studies of Nine Mergers ", *Journal of Banking and Finance*, 22 (3), pp. 273-291.

Rodrigues, V. (1993), *Fusões, Intervenção Pública e Mercado pelo Controlo de Empresas*, Dissertação para a obtenção do grau de mestre, Porto, pp. 133.

Roll, R. (1986), " The Hubris Hypothesis of Corporate Takeovers ", *Journal of Business*, Chicago: University of Chicago, V. 59, Nº 2, Part 1, pp. 197-216, April.

Ross, S. A., R.W. Westerfield e J.F. Jaffe (1990), *Corporate Finance*, Second Edition, Boston, Irvin, pp. 808.

Salgado, R.E. (1995), " Produtividade e Estratégias Interbancárias ", *Revista da Banca*, Nº 36, Setembro - Outubro.

Sherer, F. M. (1988), " Corporate Take-Overs: The Efficiency Arguments ", *Journal of Economic Perspectives*, 2, pp. 69-82.

Sherer, F. M. e D. Ross (1990), *Industrial Market Structure and Economic Performance*, 3 th edition, Boston: Houghton Mifflin Company.

Smith, K, (1999), " The Revenue Chase ", in *Banking Strategies*, Chicago.

Stein, J. (1997), " Internal Capital Markets and The Competition for Corporate Resources ", *Journal of Finance*, 52, pp. 111-134.

Stiglitz, J.E., (1994), " The Role of the State in Financial Markets ", in PROCEEDINGS of the World Bank, *Conference on Development Economics*, Washington, DC: WorldBank..

Sutherland, E. (1991), *Estabelecendo Ligações Entre Tecnologia de Informação e a Estratégia Empresarial*, Edição do Gabinete de Estudos de Gestão do ISCTE, Dezembro de 1990 – Março de 1991, nº IX, pp.23-28.

Tavares, C., (1996), " O Sistema Bancário Português: Desenvolvimento Recente e Perspectivas Futuras ", *Ciclo de Conferências: O Sistema Financeiro Português 1996*, Universidade Autónoma de Lisboa.

Theil, H. (1967), *Economics and Information Theory*, North Holland Pub. Co

Tiner, J.(1999), " Bad Old Days for Bankers", *The Banker*, pp. 24-26, Set.

UNCTAD (2000), "Efeito das Fusões e Aquisições Transfronteiriças no Desenvolvimento e Análise das Questões de Política que se Colocam a Esse Respeito", Nota da secretaria da UNCTAD (TD/B/COM.2/EM.7/2,8 de Junho de 2000).

Weston, J., F. Kwang, S. Chung e J. A. Siu (1998), *Takeovers, Restructuring and Corporate Governance*, 2 nd Edition, Prentice Hall, New Jersey.

